





Raul Andreucci e Tulio Kruse

# **A SELVA DO FUTEBOL**





# 1

DINHEIRO CONTADO	25
OBRIGADO POR JOGAR	33
DE MÃOS DADAS ATÉ O FIM	39

# 2

O CANTEIRO DE OBRAS	47
O AÇO DA FLORESTA	51
DO CERRADO À AMAZÔNIA	57

# 3

CARTOLAS QUE PASSAM CHAPÉU	67
CAMISA AMARELA	73
TÃO PERTO, TÃO LONGE	83
O FIM (?)	87



*A todos que fazem  
e amam o futebol.*



## DOIS TOQUES

### Prefácios em dois tempos

#### Da inspiração

Por André Ribeiro

No Facebook, uma mensagem que, para mim, não fazia muito sentido. Era o jovem Raul Andreucci, um dos autores desta obra, convidando para escrever o Prefácio. Estou afastado do jornalismo esportivo e da literatura esportiva. Não publico artigos ou livros há alguns anos. Gente muito mais competente e famosa poderia trazer brilho ainda maior sobre o conteúdo que inaugura a vida da **Dolores Editora**.

Aceitei por conta das primeiras linhas: “Conheço seu trabalho desde moleque, quando li a biografia do Telê Santana. E sou órfão do *Literatura na Arquibancada*, uma das sacadas que me trouxe até aqui”.

Sem falar na linha editorial: “Estou lançando a **Dolores Editora**, dedicada ao futebol. E não qualquer futebol. Aquele para além do clube de coração, do sucesso das taças ou da fama das estrelas. Somos uma editora para quem quer futebol com mais cores, profundidade e coração. Dos que vibram com as histórias em torno da bola no bar-bante. Qualquer uma”.

Impossível recusar. Tudo remetendo a um passado não tão distante, do meu olhar sobre o futebol e quase tudo o que já produzi. Um dos projetos, o blog que tanto inspirou Raul em sua trajetória profissional.

Por seis anos, entre 2011 e 2016, o *Literatura na Arquibancada* reuniu conteúdos variados, personagens, resgates de vidas, história da criação de jornais, revistas, rádio, televisão, a paixão de famosos da música ou de qualquer outro canto ou tipo da sociedade pelo futebol.

Muitos leitores (e eu também) descobrimos raridades, escritos deixados por gente como Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade, Décio Pignatari, Manuel Bandeira, Gilka Machado e tantos outros.

E o que Raul e sua **Dolores Editora** propõe como pontapé inicial? Tudo isso e muito mais. Livros da literatura de futebol que, estivesse o *Literatura na Arquibancada* em atividade, seria tema de um artigo.

A criação do blog foi fruto dessa paixão pelos livros, e, também para mim, aqueles feitos em papel – nada contra as tecnologias recentes.

Outra lembrança deliciosa dos tempos do *Literatura na Arquibancada*, e que tem a ver com a proposta editorial da **Dolores Editora**: textos de Gabriel García Márquez sobre sua paixão pelo futebol “perdidos” numa coleção enorme que, se não me falha a memória, chegavam a quatro volumes. Quem poderia imaginar Gabo, um dia, escrevendo sobre bola?

Literatura é isso. No processo da escrita e leitura, descobertas. Via de duas mãos. Para quem escreve e para o leitor. Longa viagem no processo do conhecimento. Como disse um dos maiores críticos literários do país, Antonio Candido, a literatura “*não corrompe nem edifica, mas humaniza em sentido profundo porque faz viver*”. Muito mais do que isso, a literatura é um dos mais importantes instrumentos de educação e formação do homem.

Por ser fruto de pesquisas, *Literatura na Arquibancada* também se transformou em resgates de teses acadêmicas. Adorava entrar em bancos de dados das universidades e encontrar estudos inimagináveis. Foi assim que me deparei, antes do processo de criação do blog, com a monografia de Angela Francisca Mendez, em 2008, no curso de Letras do Centro Universitário Ritter dos Reis, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Está lá, bem

guardada, uma definição que sempre carreguei dentro de mim. “A literatura é a transfiguração do real, é nela que estão retratados os sentimentos humanos e as diversas formas de relação do homem com aquilo o que sente (...) Ler é criar consciência do que somos, é examinar o mundo em que vivemos para transformá-lo no mundo em que gostaríamos de viver”.

E o que fazem Raul Andreucci e Tulio Kruse no livro que, agora, você, leitor começa a ler? Literatura. Sim, reportagens escritas para jornais ou revistas, em papel ou *online*, podem se transformar em livros. *A Selva do Futebol* é a adaptação de uma reportagem de fôlego escrita por ambos sobre a realidade do futebol amazonense às vésperas da inauguração da Arena da Amazônia e a extração ilegal de madeira que sustenta as estruturas desse mesmo estádio, utilizado durante a Copa do Mundo no Brasil, em 2014.

Se a saga em si já é histórica, chegar até lá, na distante Manaus, valoriza ainda mais o resultado de todo esse trabalho. Não tiveram apoio financeiro algum para todas as despesas com transporte, estadia e alimentação. Foram, como se diz por aí, com a cara e a coragem.

Retornaram, escreveram e editaram todo o material coletado com a única empresa que acreditou em suas ideias. O BRIO, que apostava na publicação de reportagens especiais, com textos jornalísticos mais longos.

Raul e Tulio revelaram histórias do futebol jogado em um lugar esquecido pela chamada “grande mídia”. Os clubes que disputam o campeonato estadual têm nomes que devem soar estranho para jovens torcedores de outras regiões do país. Mais estranho ainda é entender como Iranduba, Princesa do Solimões, São Raimundo, Sul América, Fast, Holanda, Nacional e Rio Negro, alguns dos que lutam no futebol amazonense, sobrevivem a tanta precariedade, em alguns casos, amadorismo puro.

Raul foi o responsável no livro por resgatar histórias dessas agremiações, personagens, torcedores, jogadores, dirigentes que, de alguma forma, revelam o outro lado do futebol, longe do glamour de estádios europeus ou, simplesmente, de outras capitais brasileiras, como Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Porto Alegre. Em que, “Quando o Estadual acaba, todos ficam sem atividade e, os jogadores, desempregados, precisam correr atrás do próximo campo de futebol”.

Tulio não fica atrás. Escancara a contradição dos responsáveis por um dos palcos da Copa, principalmente no que diz respeito à questão ambiental. *“Nem as promessas, nem o alarde, porém, foram o suficiente para evitar a marca do desmatamento no maior patrimônio ambiental brasileiro. Cinco toneladas e meia de aço estão nas bases profundas da Arena da Amazônia, em compridos vergalhões debaixo do concreto armado das arquibancadas, nos pilares e nas grades. O carvão que abasteceu siderúrgicas e chegou ao estádio na forma deste aço nasceu justamente nas bordas desmatadas da Amazônia, no sertão do Goiás e em terrenos devastados ao longo do Cerrado brasileiro. Muito mais do que o verde, o cinza”.*

Juntando esforços e talentos, a dupla conseguiu, na prática, uma história parecida à maneira com que um dos maiores escritores do país, Nelson Rodrigues, enxergava a cobertura de um evento como o futebol: *“Houve um tempo, no passado do homem, em que o fato tinha, sempre, um Camões, um Homero, um Dante à mão. Por outras palavras: o poeta era o repórter que dava ao fato o seu encanto específico. Hoje, nós temos tudo: jornal, rádio e tevê. O que nos falta é, justamente, a capacidade de admirar, de cobrir o acontecimento com o nosso espanto”.* É isso, leitor, o que você tem em mãos. O espanto de dois jovens talentosos sobre *A Selva do Futebol*.

Boa leitura!

**André Ribeiro** é jornalista, produtor executivo de televisão, roteirista e documentarista. Na literatura de futebol, ficou conhecido, principalmente, por conta das biografias de Telê Santana (Fio de Esperança) e Leônidas da Silva (Diamante Negro). Criou e editou o blog *Literatura na Arquibancada* por cerca de seis anos e ainda publicou outros títulos relacionados ao esporte (como *A magia da camisa 10*, *Uma ponte para o futuro* e *Donos do Espetáculo - História da Imprensa Esportiva no Brasil*).

## Da criação

Por Breno Costa

Você já deve ter ouvido falar ou lido em algum lugar sobre o processo criativo de escritores. A literatura é associada à arte de escrever. Clubes de leitura são algo relativamente comum. Leituras públicas para plateias de aficionados pela qualidade de uma obra literária acontecem em salas dominadas por ares intelectuais. Tudo isso é justo, não me parece excêntrico. É possível apreciar uma boa história, contada de maneira única, da mesma maneira que se aprecia uma obra de arte num museu ou um filme cult em salas de cineclubes.

Mas por que ninguém dá bola para o processo criativo de um jornalista?

Eu tenho uma resposta para isso, embora não seja a resposta definitiva. É uma impressão pessoal, reforçada no discurso de muitos jornalistas de alto calibre, em manuais de redação jornalística e mesmo em cânones do ensino jornalístico, como a regra da pirâmide invertida (para os não iniciados, ela prega que as informações importantes devem ser apresentadas logo no início de um texto jornalístico, seguidas das informações menos importantes).

O dogma da objetividade jornalística é como um veneno inoculado no próprio fazer jornalístico, que afastou essa profissão da associação com a lógica criativa. Se você perguntar para qualquer pessoa na rua no Brasil, ou mesmo para jornalistas de uma redação tradicional, exemplos de profissão pertencentes à chamada “indústria criativa”, o jornalismo não vai aparecer.

Pode parecer algo menor essa questão, mas isso está no DNA desse monstro que permitiu que o vírus das *fake news* e da altíssima desconfiança em relação ao trabalho jornalístico se espalhasse. A objetividade, supostamente a nossa armadura de seriedade e de imparcialidade, serviu para pasteurizar um trabalho que, na origem, era altamente criativo. Histórias mais detalhadas geram mais confiabilidade, porque o leitor fica mais próximo da história.

Não precisamos ir muito longe. O BRIO é uma iniciativa criada por mim e outros colegas em 2015 e que, depois, no ano seguinte, transformei num pólo de serviços voltados para jornalistas com o objetivo de justamente estimular essa percep-

ção criativa que envolve o jornalismo. Todos os clientes do BRIO devem preencher um formulário para que possamos entender um pouco melhor o perfil desses jornalistas.

Uma das perguntas feitas nesse questionário é sobre os jornalistas que cada um tem como referência. É da ordem de 80%, pelo menos, a menção a jornalistas que podem ser tratados como escritores. No Brasil, estão nessa lista de referências, recorrentemente, Eliane Brum, Caco Barcellos, Leonêncio Nossa, entre outros. Todos eles, não por acaso, já escreveram livros-reportagem. No campo internacional, aparecem por lá Gay Talese, Truman Capote e por aí vai. Ícones do chamado *new journalism*, famosos desde os anos 60.

Se mesmo os jornalistas admiram de forma preponderante repórteres que podem se chamar de escritores sem medo de parecerem pedantes, por que o público em geral vai admirar mais o repórter objetivo, do texto padronizado, da apuração imediatista, que joga no lixo todos os dias tantos detalhes ricos que poderiam aproximar mais os leitores da história que está sendo contada?

O jornalismo é, por essência, uma indústria criativa. E muito de sua dificuldade em se manter relevante e confiável num mundo dominado pela comunicação “mundo real” é que ele parece um corpo estranho, que não gera um pingão de envolvimento emocional em seus leitores. As poucas histórias que conseguem atravessar essa fronteira de forma ativa se sobressaem na hora.

A reportagem que Raul Andreucci e Tulio Kruse transformam agora em livro é um exemplo dessas braçadas contra a corrente. Me orgulho de ter ajudado a criar um espaço que pudesse abrigar uma história como essa antes de ela virar livro. Até o BRIO surgir no Brasil, o destino de uma história como essa seria ou virar um livro já na origem ou ficar apenas na mente de seus criadores e eventualmente ser forçada a virar uma reportagem de quilate muito inferior numa revista, site ou jornal.

O BRIO nasceu como uma plataforma para que grandes histórias fossem contadas de maneira grandiosa. O conceito por si não era uma novidade. A própria revista *Piauí* já se prestava de certa forma a esse papel, mas era um produto físico, ainda não tinha uma presença significativa na internet. Nós seríamos, em 2013, quando o projeto começou a ser idealizado, a única

iniciativa desse tipo no Brasil. Em outros países, em especial nos Estados Unidos, havia aqui e ali algo também nessa linha, mas que definitivamente não atenderia ao público brasileiro – muito menos aos jornalistas brasileiros.

E onde está a arte, a criatividade nessa história? Afinal, estamos falando de uma história real, apurada junto a pessoas reais, vivendo situações reais e com base em documentos reais. Onde entra a criatividade?

Em primeiro lugar, na própria concepção da história. A preocupação em contar um lado desconhecido relacionado a um grande evento, como a Copa do Mundo de 2014, já é um raio de criatividade quando os repórteres poderiam se contentar em permanecer no reino da objetividade e publicar uma reportagem relatorial sobre problemas ambientais relacionados às obras do Mundial. Seria uma história possivelmente bem lida, mas que provavelmente seria esquecida.

O jornalismo pode ser muito fugaz. Conheço muitos casos de repórteres que passam até meses apurando uma história, publicam num veículo de peso, e dois, três dias depois aquela história que gerou algum impacto já está adormecendo no cemitério infinito das reportagens importantes, mas esquecidas. Com uma narrativa maior, mais detalhada, a lembrança da leitura permanece.

É como a experiência de um filme. E foi exatamente essa lógica cinematográfica do *storytelling* que a gente quis trazer para as produções do BRIO. Ou pensávamos as ideias originalmente, *in house*, já com essa perspectiva de contar uma história que pudesse ser o roteiro para um filme, ou adaptávamos as ideias que chegavam para atender esse critério.

Raul e Tulio chegaram até nós com uma ótima ideia, mas ainda sem essa conotação de linguagem cinematográfica. Ajudamos eles a seguir nessa direção e a contar essa história da maneira mais visual possível. Não necessariamente com fotos espetaculares ou vídeos bem produzidos, mas com uma narrativa que permitisse ao leitor enxergar o que estava acontecendo, com descrição de ambientes e de personagens.

Como dizia o nosso slogan: “imagine o real”.

A criatividade no jornalismo, portanto, não está em inventar personagens ou situações, e deixar a subjetividade entrar em campo. Não se trata de criar um texto cheio de elucubrações

pessoais, que fariam mais sentido em um diário pessoal. Se trata de informação verificada, contada de maneira diferenciada. Se trata de escolher acompanhar, como os autores fizeram, a viagem de um homem responsável por pagar jogadores de um time amador do interior do Amazonas, atentando para tudo o que acontece no caminho, em vez de entrevistá-lo por telefone ou, mesmo pessoalmente, se limitar a anotar num bloquinho as respostas exatas às suas perguntas previamente preparadas. O melhor bloquinho que temos é a nossa mente, com folhas infinitas.

De minha parte, me orgulho muito de ter participado da edição original desse material para o BRIO. Uma dezena de outras reportagens brilhantes também foi publicada lá, mas, infelizmente, nossa experiência durou muito pouco. Na hora de colocar em prática o nosso conceito desenvolvido desde 2013, fizemos grandes escolhas em relação ao conteúdo, mas péssimas em relação ao modelo de negócios e, principalmente, em relação à tecnologia envolvida. Gastamos um caminhão de dinheiro em aspectos técnicos quando poderíamos ter escolhido um caminho mais simples, nos amparando somente na extrema criatividade presente nas histórias que tivemos o prazer de ajudar a entregar para o público.

Além dessa reportagem, duas outras viraram livros, uma virou peça de teatro, outra uma série de TV e outra ainda pode ser transformada em documentário. O irônico é que, quando uma história dessa vai para as telas, por exemplo, a associação com a indústria criativa é imediata. Bem, tenho uma notícia: tudo nasceu no jornalismo e, mais precisamente, na ideia de um repórter de perseguir uma história.

Boa leitura!

**Breno Costa** é cofundador do site de reportagens longform BRIO e foi seu diretor de conteúdo durante um ano de existência do site. Em 2016, criou o BRIO Hunter, focado em ajudar jornalistas a se desenvolverem profissionalmente, por meio de cursos, mentorias e ajuda no desenvolvimento de reportagens. Antes de migrar para o jornalismo independente, foi repórter durante seis anos na Folha de S.Paulo, na área política e de investigação.







**1**





EDIÇÃO 47 | AGOSTO\_2010

despedida

# A MARRETADAS

O clássico Barriga Preta contra o Leão da Vila nunca mais será o mesmo

FERNANDO SERAPIÃO



Ano do Brasil na França



Arquitetura - Estádio Vivaldo Lima

FOTO: CORTESIA DO DEPARTAMENTO DE FILATELIA E PRODUTOS DOS CORREIOS

**F**altava pouco para ele completar 40 anos. Depois de ser desenganado por meses, o derradeiro mártir levou semanas e com ele a morte brutal, cruel e violenta: a marretadas. O fim do sacrifício estava previsto para agosto. “Vivaldão jamais será esquecido”, proclamou em seu artigo o jornalista esportivo Isaac Júnior, um dos poucos a se comover.

A vítima era manauense e seu nome completo, Estádio Vivaldo Lima. Ele foi apresentado ao mundo em clima de festa. Pelé, Gerson, Tostão e Rivelino estavam lá, mas a tarde de domingo, 5 de abril de 1970, foi

mesmo de Dadá Maravilha que, com quatro gols, deixou os espectadores boquiabertos. O baile de 4 a 1 da Seleção sobre um combinado do Amazonas anteciparia a conquista do tri, ocorrida onze semanas depois.

Durante sua existência, foi no Vivaldão que aconteceu o maior dérbi do futebol amazonense, o Rio-Nal, que opunha o Atlético Rio Negro Clube ao Nacional Futebol Clube. Infelizmente, a atual desdita do Vivaldão atesta o drama de uma era. Os dois grandalhões da selva também não têm nada a comemorar: o Barriga Preta e o Leão da Vila Municipal, como são conhecidos, hoje nem sequer fazem parte da série C do Brasileiro.

O Vivaldão foi ao chão para dar lugar à Arena da Amazônia, uma das sedes da Copa de 2014. A justificativa oficial é de que o velho estádio está assentado num endereço privilegiado e a cidade não comporta duas construções públicas do gênero. A oposição tentou impedir o desmonte entrando com uma ação popular junto ao Ministério Público Federal.

“Demonstramos, tecnicamente, que o estádio poderia ser aproveitado, o que economizaria 230 milhões de reais, mas com a demolição a ação perde o sentido”, diz Luiz Castro, deputado estadual pelo PPS e um dos autores da ação.

A nova edificação custará 580 milhões de reais ao erário. Ela foi desenhada pelo escritório de arquitetura alemão GMP, que, após fazerem três estádios para a Copa da Alemanha – entre os quais, a fabulosa adaptação do Estádio Olímpico de Berlim –, se especializaram em arenas esportivas. Emplacaram três projetos na Copa africana (Durban, Cidade do Cabo e Port Elizabeth – os mais bonitos e também os que mais estouraram o orçamento) e, em 2014, serão responsáveis por outra trinca. Além de Manaus, participam das reformas do Mineirão, em Belo Horizonte, e do Estádio Nacional de Brasília, atual Mané Garrincha.

Se a execução seguir os desenhos, a Arena da Amazônia tem tudo para ser uma das mais belas da Copa. Ela lembra o desenho do Ninho de Pássaro, em Pequim, mas segundo conta Ralf Amann, arquiteto alemão da GMP radicado no Rio de Janeiro, a inspiração veio das cestas de vime amazonenses.

**A** pesar do currículo dos projetistas alemães, o universo arquitetônico tem motivo para o luto. O desenho do Vivaldão conseguia ser ao mesmo tempo marcante e delicado. Severiano Porto, autor do projeto, aproveitou uma cratera que existia no local – consequência da retirada de terra para aterros – e assentou o prédio no chão com suavidade, razão pela qual tinha pouco impacto externo. O Vivaldão evitava um dos grandes pecados de estádios com má arquitetura: suas arquibancadas não davam as costas para a cidade. Eram encaixadas na topografia, como o Pacaembu. Tratava-se de uma presença tão discreta quanto elegante. O desenho gracioso da meia cobertura que protegia um dos hemisférios do estádio lembrava uma lua crescente.

Mineiro de família pernambucana, Severiano Porto cresceu no Rio de Janeiro. Seus pais eram educadores, e a família morava nos fundos do terreno da escola de que eram proprietários no Humaitá. Amante do desenho, Porto sempre soube que seria arquiteto. Iniciou a carreira trabalhando em construtoras: o dia a dia em canteiros de obra lhe deu conhecimento técnico invejável. Aos 35 anos foi convocado para reformar o escritório de representação do governo do Amazonas no Rio de Janeiro. Entregue a obra, o arquiteto assinou contratos mais ambiciosos: a reforma do palácio do governo e o projeto da Assembleia Legislativa. Nada saiu do papel, o que não o impediu de deitar raízes no estado do Amazonas. Ficava uma semana em Manaus e outra no Rio, onde mantinha escritório. Na capital amazonense, a prancheta na qual trabalhava no quarto do hotel ia para o porão na semana seguinte.

Porto redigiu um caderno de encargos tão completo que incluía até a parte jurídica. Foi adotado oficialmente nas construções governamentais. Tornou-se uma espécie de arquiteto oficial do governo – o Niemeyer da selva, por assim dizer – o que fez com que se mudasse para Manaus. “Construímos nossa casa sobre palafitas no meio de um igarapé”, conta Gilda Porto, mulher do arquiteto.

O estádio foi um dos primeiros trabalhos a ser levado adiante. Nele já se podia identificar as qualidades de Porto, um desconhecido do grande público que muitos críticos incluem na lista dos mais importantes arquitetos brasileiros do século XX. Ele encarava cada

projeto de maneira particular, sem fórmulas preestabelecidas. Soube aproveitar as características dos materiais locais e desenhava para o clima da região: é um precursor da arquitetura sustentável. Também se apropriou de elementos regionais, como atestam os grafismos originais que adornavam o Vivaldão, a lembrar criações indígenas.

O reconhecimento internacional chegou apenas na década de 80. Pela Pousada da Ilha de Silves, Porto ganhou o prêmio máximo da Bienal de Buenos Aires, cujo júri incluía o grande arquiteto francês Jean Nouvel. Dois anos mais tarde, foi escolhido como o personagem do ano pela revista francesa *L'Architecture d'Aujourd'hui*.

Desde 2001, Severiano Porto mora em Niterói. Aos 80 anos, sofre lapsos de memória devido a um princípio de Alzheimer, e é tema de dezenas de teses. “Eu disse a ele que era melhor irmos embora: Manaus não quer mais uma arquitetura como a dele”, diz Gilda. “Querem construir a Miami dos trópicos. Dele, já demoliram o restaurante e a nossa casa”, conta. “Agora, o estádio. Não falo por ele, mas um estado tão carente deve demolir uma obra desse tamanho?” Quando a demolição foi cogitada, há dois anos, ele foi informado pelo repórter de um jornal local. “Para que demolir? O estádio foi projetado para crescer”, declarou na época.

As áreas internas do Vivaldão eram pequenas: a nova arena, obedecendo às resoluções da Fifa, resultará em 325 mil metros quadrados construídos, o que dá quase cinco vezes o paulistano Pavilhão do Anhembi, por exemplo. Oferecerá, entre outras coisas, salas VIPs (e *very* VIPs), praça de alimentação e, principalmente, estacionamento. Quanto à capacidade, entretanto, nada mudará: no portentoso estádio germânico caberão 43 mil almas, o mesmo que comportava o defunto quando imberbe.



**FERNANDO SERAPIÃO**

Fernando Serapião, arquiteto, é editor-executivo da revista *Projeto Design*

## RNF - RANKING NACIONAL DAS FEDERAÇÕES 2014

Clas.	Fed.	Estado	Total	Diferença	Pos. em 2013
1	SP	São Paulo	<b>100.001</b>	-	1
2	RJ	Rio de Janeiro	<b>64.687</b>	35.314	2
3	MG	Minas Gerais	<b>40.797</b>	23.890	3
4	RS	Rio Grande do Sul	<b>36.736</b>	4.061	4
5	PR	Paraná	<b>32.968</b>	3.768	5
6	SC	Santa Catarina	<b>28.016</b>	4.952	6
7	GO	Goiás	<b>24.629</b>	3.387	7
8	PE	Pernambuco	<b>21.642</b>	2.987	8
9	BA	Bahia	<b>20.902</b>	740	9
10	CE	Ceará	<b>18.024</b>	2.878	10
11	RN	Rio Grande do Norte	<b>11.367</b>	6.657	11
12	PA	Pará	<b>9.212</b>	2.155	13
13	AL	Alagoas	<b>9.033</b>	179	12
14	MT	Mato Grosso	<b>6.703</b>	2.330	15
15	DF	Distrito Federal	<b>5.483</b>	1.220	14
16	PB	Paraíba	<b>4.893</b>	590	16
17	MA	Maranhão	<b>3.530</b>	1.363	17
18	AM	Amazonas	<b>3.369</b>	161	18
19	AC	Acre	<b>2.783</b>	586	20
20	SE	Sergipe	<b>2.481</b>	302	19
21	MS	Mato Grosso do Sul	<b>2.231</b>	250	21
22	PI	Piauí	<b>2.030</b>	201	22
23	ES	Espírito Santo	<b>2.025</b>	5	23
24	TO	Tocantins	<b>1.832</b>	193	24
25	AP	Amapá	<b>1.506</b>	326	25
26	RO	Rondônia	<b>1.284</b>	222	26
27	RR	Roraima	<b>1.135</b>	149	27

Revisado e atualizado em 13/12/13

Pág: 1/1



## DINHEIRO CONTADO

Cinco reais. Quem teme, paga. É esse o preço do pedágio clandestino que dá acesso a um caminho lamacento que desvia do posto policial e nos faz cair, ainda que gastando uns minutinhos a mais, livres e impunes no meio da AM-010 – oficialmente uma rodovia, mas, na prática, uma estrada sem sinalização e fétida que atravessa uma região de granjas como um convite a náuseas e acidentes. O destino é Rio Preto da Eva, a 80 km de Manaus, a capital do Amazonas, estado brasileiro que carrega o nome da maior floresta do mundo.

— Vai uma Coca? – oferece o responsável por contar a grana e abrir o portão.

A caminhonete segue em frente com seu retrovisor esquerdo completamente destruído, motivo para a rota alternativa, evitando qualquer problema com os policiais da rodovia. O motorista é Renato Benigno. Nosso destino é o Estádio Francisco García, o Chicão, sede do **Holanda** Esporte Clube, time que enfrenta o Esporte Clube **Iranduba** da Amazônia pela última rodada do Campeonato Amazonense de 2014. Estamos a exatos dois meses do início da Copa do Mundo no Brasil, no dia 12 de abril daquele ano.

Benigno é um homem que parece mais velho do que seus 36 anos, especialmente por conta do rosto furado, cheio de marcas de espinhas da adolescência. Suas roupas de grife e relógio dourado indicam uma posição elevada, mas ele não sabe dizer ao certo qual cargo ocupa no **Holanda**. É uma espécie de faz tudo, revezando-se entre o centro de treinamento no interior e a sede administrativa do clube na capital amazonense. O certo é que sua família, de origem italiana, faz parte da história do futebol local. Seu avô Ismael, já falecido, foi presidente do **São Raimundo** Esporte Clube, outro clube local, e permanece eternizado como nome do estádio do time – apelidado e mais comumente chamado de Colina.

Em meio às caronas – aquela do dia do jogo não fora a única –, Renato contou já ter dormido no volante e da vez em que praticamente destruiu sua Montana, capotada de ponta cabeça depois da perseguição de um namorado ciumento em festa no interior. Acreditava numa certa “zica” daquele carro, vendido depois de dez acidentes. Um mês depois da nossa viagem a Rio Preto da Eva, encontrava-se preso, aguardando julgamento por uma batida fatal, com duas mortes. Segundo a polícia, estava embriagado, dirigindo a mesma S-10 prateada, que, nova, não saía à época por menos de R\$ 74 mil.

Naquela viagem, atrás dos únicos dois bancos, o do motorista e o do passageiro, pegava carona um bolo de notas, dinheiro vivo mesmo. Informação que só foi revelada durante o trajeto, ao ser perguntado sobre a rescisão dos jogadores. A sequência após o duelo entre **Holanda** e **Iranduba** seria inapelável: apito final, centro de treinamento, banho, malas, dinheiro vivo contado na mão e adeus.

O **Holanda** lutava contra o rebaixamento e não tinha motivo para continuar com os jogadores. Distante da fama e das glórias da seleção homônima das terras baixas europeias, o maior salário da equipe era de R\$ 3.500 até alguns dias antes. Com a primeira leva de demissões, o salário mais abastado passou a ser o de R\$ 2.500.

O valor exato do bolo? Benigno não sabe (ou não quer) dizer, mas, para pagar atletas e comissão técnica devia passar de R\$ 20 mil. Medo de assalto? Que nada. Se alguém fosse tentar alguma coisa, seria no começo do mês, por volta dos dias 5 ou 10, os dias usuais de pagamento. Mesmo assim, Benigno diri-

ge em alta velocidade e, a qualquer sinal de emboscada, faz a ultrapassagem do jeito que dá. Desconfia de todo mundo, dos jogadores do próprio plantel aos engravatados do escritório em que dá as caras ao longo da semana. Qualquer um pode passar a informação e armar o golpe. É de conhecimento geral que o homem da grana, quando escalado para levar os pagamentos da capital ao centro de treinamento, faz o trajeto sozinho, sem segurança.

Chegamos inteiros. No intervalo, o **Holanda** vencia o **Iran-duba** por 1 a 0. Faltava um gol para que os donos da casa mantivessem as esperanças de evitar o rebaixamento. Devido a uma combinação de resultados de vários jogos, era preciso vencer por dois gols de diferença. O que motivaria, imagina-se, no mínimo, gritos das arquibancadas e unhas roídas sem piedade.

Ali, no entanto, o que seria ou deixaria de ser do **Holanda** importava quase que exclusivamente às famílias dos jogadores. Arquibancadas vazias, nem 50 almas.

Uma fumaça de alguma queimada nos arredores dominados pelas árvores frondosas da Amazônia, que acompanharia o segundo tempo, começava a se formar. Diante dos berros esparsos do público, o som de um alto falante ininterrupto do lado de fora pedia que os moradores de Rio Preto da Eva ajudassem um senhor, já de bengala, sofrido.

Nos acréscimos, o baixinho Weverton bateu uma falta no ângulo. O goleiro nem se mexeu. Um golaço sem registro no YouTube. O **Holanda** fazia 2 a 0, resultado suficiente para seguir vivo até o dia seguinte, domingo, quando torceria para um empate entre **Sul América** Esporte Clube e **São Raimundo** – não fosse a falta de estádios em Manaus à época, esse jogo deveria ter acontecido no mesmo dia.

Emoções suspensas no ar. Os jogadores não podiam explodir, extravasar, tampouco chorar e se deprimir. Mas o dinheiro de Benigno não podia esperar.

Fundado em 2007, o **Holanda** tem uma vida futebolística modesta. O nome foi escolhido por questões práticas. É verdade que a cidade-sede do time, Rio Preto da Eva, é a maior produtora de laranjas de toda a região Norte do Brasil. Também é verdade que os donos do time se dizem fãs da seleção holandesa de 1974, conhecida como Carrossel e Laranja Mecânica. Mas o fato é que o nome foi adotado porque **Holanda** estava

disponível na Federação Amazonense de Futebol (FAF), pois começara a ser usado por um clube amador fundado em 1984. Como iniciar do zero um processo de registro na Confederação Brasileira de Futebol (CBF), a entidade máxima do esporte no país, levaria tempo e custaria dinheiro<sup>1</sup>, os cartolas aproveitaram o que estava à mão mesmo.

O time também serviu aos interesses pessoais do presidente do clube, Paulo Radin, cunhado de Benigno. Além da aparente preocupação com a prosperidade do futebol local, Radin alça seus voos políticos. Secretário-geral do Partido Social Democrático (PSD) no Amazonas e peça-chave na campanha vitoriosa do ex-governador Omar Aziz ao Senado, eleito em 2014, ele disse ter encontrado no **Holanda** uma forma de ocupar as crianças com quem trabalhava numa ONG.

1. *Um clube de futebol que deseja se tornar profissional no Brasil deve seguir alguns passos básicos iniciais (além de ter um grupo de jogadores, de preferência): constituir um estatuto social, se for apenas uma associação esportiva, existente ou não, ou contrato social, para o caso de clube-empresa; registrar-se em cartório; obter um CNPJ (o Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica); e filiar-se à sua federação estadual. Ainda que o nível de organização varie em todo o país, deve ser requisito da federação, como no caso da paulista, apresentar: os documentos do estatuto ou contrato social, do registro em cartório e do CNPJ; quais os membros do quadro diretivo, os dados de cada um e, principalmente, a comprovação de sua idoneidade; informações sobre sede, escudo, bandeira, cores e uniforme; estádio aonde pretendem mandar seus jogos com uma capacidade mínima específica; e o comprovante de pagamento da taxa de filiação. A próxima etapa, esta junto à CBF, é a do licenciamento dos clubes profissionais, inaugurada em 2017 e ainda restrita aos que disputam a Série A do Brasileiro.*

Por isso mesmo, o time quase não tem torcida. Em um dos jogos da equipe, contra o **Sul América**, em 6 de abril de 2014, o público pagante oficial foi de zero pessoas. A

bilheteria, ao lado da porta de entrada, até estava aberta, só que sem bilheteiro. Um jovem aparentando uns 16 anos cuidava da catraca, mas deliberadamente deixava passar conhecidos, amigos e parentes de atletas. Estava muito mais preocupado em cortejar uma moça de shortinho. Um vira-lata fazia as vezes de segurança. O máximo que conseguia era colocar a língua para fora pedindo água, deitado num mato mal cortado.

As dificuldades do **Holanda** começaram já no primeiro jogo oficial, em 2008, ocorrido na cidade de Itacoatiara, a 260 km de Manaus e a 180 km de Rio Preto da Eva. Os jogadores seguiam em um ônibus que quebrou na estrada. Com o risco de perderem por WO<sup>2</sup>, chegaram ao estádio espremidos na carroceria de um caminhão.

Naquele ano de estreia, num sucesso que poderia impulsionar sonhos de grandeza por aquelas bandas, o **Holanda** foi campeão da série B e subiu para a primeira divisão do Estadual.

Em 2014, o time teve apenas dois meses e 12 dias de atividades entre a estreia e o último jogo no Campeonato Amazonense. Naquele sábado de abril, havia a esperança de sobrevivência. Com o resultado de domingo, o **São Raimundo** batendo o **Sul América** por 1 a 0, ocorreu o golpe final do rebaixamento. O goloço nos minutos finais contra o **Irاندوبا** fora em vão.

No ano seguinte, a situação seria ainda pior. O time da camisa laranja não jogou o campeonato local porque a Segunda Divisão do Estadual deixou de existir, assim como já havia acontecido em outros anos<sup>3</sup>. Mesmo quando a segundona existe, nunca se sabe quem serão os times participantes. A confirmação costuma ser de última hora,

*3. Rebaixado em 2014, o Holanda ficou sem jogar por dois anos: em 2015 e 2016, justamente quando a Federação Amazonense de Futebol não organizou a disputa da Segunda Divisão do Estadual. Em 2017, a Segundona voltou a ser realizada antes do início da Primeira Divisão do Estadual, entre 29 de janeiro e 2 de março. O Holanda conquistou o acesso e, duas semanas depois, em 18 de março, voltou a atuar pela elite do Amazonense. Sem sorte, porém, como em 2014, terminou o torneio em penúltimo e caiu novamente. Ainda em 2017, acredite se puder, numa outra Segundona, entre 5 de novembro e 10 de dezembro, parou no time do CDC e sepultou praticamente todo o seu 2018. Com um calendário esquizofrênico, teria de aguardar até outubro, para quanto estava prevista a peleja entre os mais fracos do Estado.*

*2. De acordo com o Regulamento Geral de Competições de 2018 da CBF, mais precisamente no Artigo 56, dentro do Capítulo III, que trata Das Disposições Técnicas, nenhuma partida pode ser disputada com menos de sete jogadores. Caso um time não apareça, o árbitro pode aguardar até 30 minutos além do horário do apito inicial. A equipe solitária resta a vitória, sem entrar em campo, por essa regra, de 3 a 0.*

pois muitos podem não ter o dinheiro necessário para entrar em campo.

Jogadores, torcedores e técnicos sabem dessa situação melhor do que ninguém, assim como têm a clareza de que as chances de algo mudar efetivamente são as mesmas de o **Nacional** Futebol Clube disputar a Copa Libertadores<sup>4</sup>. Para se ter uma ideia, o time mais popular e vitorioso do Amazonas foi o único representante do estado no Campeonato Brasileiro de 2014 – na Quarta Divisão...

A situação se repete a cada ano. É sempre assim. Quando o torneio estadual acaba, todos ficam sem atividade, e os atletas, desempregados, precisam correr atrás do próximo campo de futebol.

De 1993 a 2018, apenas sete dos 22 Campeonatos Amazonenses du-

raram mais de três meses<sup>5</sup>. No fim das contas, muitos profissionais acabam seduzidos por ligas municipais e campeonatos amadores de todo tipo, que costumam pagar entre R\$ 50 e R\$ 100 por jogo.

Esqueça, portanto, os milionários aos quais assistimos na TV e as cifras siderais de transferências. Pense no operário que joga para um time na mesma condição que um pedreiro numa obra: o trabalho acaba quando o campeonato acaba – e olhe lá. Pense no jovem, em muitos casos, já com família para sustentar, que tem de se virar com o pouco que recebe – isso quando recebe. Pense na infraestrutura inadequada, no assédio moral e em todas as aflições comuns a quem se preocupa com o sonho de um dia ser contratado por um time médio para, oxalá, chegar a um grande. É dele que estamos falando, desse pé-de-obra – uma multidão boleira capaz de formar cerca de 730 times completos de futebol, com reserva e tudo, conforme os dados do Bom Senso FC<sup>6</sup>. Como nas Séries A e B do Campeonato Brasileiro, a nossa elite futebolística, há apenas 40 clubes, não resta dúvidas de que, falando desses mi-

4. Os clubes brasileiros classificados à Copa Libertadores, a principal competição de clubes da América do Sul, costumam ser os melhores colocados do Campeonato Brasileiro do ano anterior e o campeão da Copa do Brasil. Logo, para conseguir a participação em um torneio deste calibre, o Nacional teria de alcançar a principal divisão do futebol nacional. Depois da queda do São Raimundo da Série B para a C em 2006 e de sua participação, portanto, na Série C em 2007, o Amazonas só teve classificados à terceirona uma última vez em 2008, quando Holanda e Fast ainda se beneficiaram pelo desempenho no estadual. Mecanismo que passou a servir para preencher as vagas na Série D a partir de 2009. Campeão e vice de seus estados em todo o Brasil garantiam vaga na quarta e última divisão do Brasileiro e na Copa do Brasil. O mínimo de participação que a CBF pode garantir. O resto é com cada um. E na Copa do Brasil, com sua 30ª edição realizada em 2018, jamais viu um amazonense passar das oitavas, fase alcançada pelo Nacional em 2014, superando o Coritiba, campeão brasileiro em 1985, e a Ponte Preta, vice-campeã da Copa Sul-Americana em 2013. Parou no Vasco, um dos gigantes nacionais.

5. Coincidência ou não, a última vez em que o Campeonato Amazonense teve mais de dois meses foi em 2015, ano seguinte à publicação dessa história na plataforma de jornalismo Brio. Naquela edição, a partida inaugural aconteceu em 21 de fevereiro e a decisão, em 20 de junho.

crocismos, estamos retratando é grossa maioria do futebol brasileiro. A realidade de quem quer viver jogando bola.

6. O Bom Senso FC foi um movimento formado por jogadores profissionais de todas as séries nacionais que, entre 2013 e 2016, buscava pressionar a CBF por mudanças em prol da melhoria do futebol em cinco pontos muito específicos e cruciais: calendário, férias, pré-temporada, fair-play financeiro e participação nos conselhos técnicos. Ganhou destaque quando, em protesto, no fim de 2013, jogadores de quase todos os times da Série A do Campeonato Brasileiro cruzaram os braços antes do início de suas partidas – alguns fizeram uma outra versão, do mesmo ato, sentando no gramado. Como o calendário não mudou, os times tiveram o ano espremido em 2018 por conta da Copa do Mundo, com as férias dos atletas sacrificadas e mais uma eleição presidencial sem representantes de quem faz o futebol, de fato, apenas com dirigentes de clubes e federações estaduais votando, talvez uma das maiores conquistas tenha sido o fair play financeiro. O Bom Senso FC conseguiu, em certa medida, influenciar a edição da Medida Provisória 671, sancionada por Dilma Rousseff em 2015, que regulamenta o Profut, programa de refinanciamento das dívidas dos clubes brasileiros, exigindo contrapartidas marcantes.



## OBRIGADO POR JOGAR

A viagem entre o estádio Chicão e o Centro de Treinamento Leão Braúna, o grande investimento do **Holanda** na tentativa de profissionalização, demora dez minutos. Um muro branco, de meia altura, cerca o local de fachada que mais lembra uma fazenda do que centro de treinamento. Os cachorros estão quase sempre presos no canil.

O terreno é enorme. O descampado de terra batida, nos fundos, cheio de estacas brancas, cercado pela mata verde, preparava-se para receber três campos oficiais de treino. Lá embaixo, a cozinha. Em cima, dez casas de alojamento. Tudo laranja. A maior residência, à direita da entrada pela estradinha de terra, é a da “administração”, assim chamada por abrigar o treinador, Sidney, e o roupeiro, Macapá. Os dois dividem um cômodo com ar condicionado e banheiro sem box ou cortina de plástico. Uma cueca reciclada serve de tapete no chão.

A sala tem cozinha americana e sofá de couro preto. Do lado de fora, há uma churrasqueira prestes a desmontar e os azulejos azuis claros da piscina estão a craquelar de tanta sede, sem uma gota d’água. Nada é convidativo. A impressão é de que alguém abandonou aquilo tudo e os dois simplesmente se

apropriaram, sem qualquer tipo de apego a mobílias, reparos ou decoração, como se estivessem de passagem num hotel de beira de estrada.

O resultado do jogo do **São Raimundo** ainda não tinha saído, mas, para os dirigentes do **Holanda**, pouco importava. Se o time permanecesse na Primeira Divisão ou se fosse rebaixado, o procedimento seria o mesmo: jogadores, sigam suas vidas e ano que vem a gente forma um novo time – quem sabe com algum de vocês.

Os pés-de-obra têm meia-hora para tomar banho e terminar de arrumar as malas. Um deles é o jovem Ioran, de 19 anos. Seus pais o aguardam do lado de fora. Querem levá-lo para casa. Também estão no vestiário um grupo de cinco paulistas que pegaria um táxi para aguardar o voo da madrugada no aeroporto de Manaus. Todos se dirigiam para a “administração”. Pareciam apressados em sair, esquecer aquilo tudo, resolver a vida e tocá-la para longe dali.

— Não menosprezando o futebol do Amazonas, mas é bem chato ser rebaixado num campeonato desses, tão fácil como é – reconhece Weverton, manauara de 20 anos, fã de Cristiano Ronaldo e que, como muitos, sonhava com a Europa.

Antes de tudo, no entanto, a rescisão. A papelada está separada, bem como o pagamento pelos dias trabalhados naquele mês. O dinheiro trazido por Benigno será distribuído. A operação acontece em cima de uma dessas mesas de boteco, dobráveis, branca, alaranjada em quase todo o meio – não como homenagem à cor do clube, mas como ode à ferrugem mesmo –, onde os atletas se apoiam para assinar. Em seguida à rubrica, o treinador Sidney entrega o dinheiro sentado na cama improvisada como cadeira.

Como Weverton, a maioria confere o dinheiro, timidamente, passando as notas por entre os dedos, enquanto Benigno chupa um pirulito vermelho. Ninguém reclama. O joinha para a foto da reportagem que viraria livro, de boné e corrente, como seus colegas de profissão famosos, lembra os registros de quem acaba de assinar um contrato novo, desses nos quais toda a imprensa comparece. Benigno deixa o pirulito de lado quando seu celular toca. Do outro lado da linha está o presidente do **Holanda**. A tela estilhaçada impede que seu dedo deslize para o lado que recusa as chamadas. Ele sempre precisa atender.

— Tô, ainda tô aqui, tá tudo certo, já vai acabar, tá?

Para os jogadores não estava tudo certo. Reclamaram da incerteza de futuro e da angústia inerente até a assinatura de contrato com o próximo clube, seja no retorno a Manaus, seja em qualquer outro lugar do Brasil onde abram as portas do vestiário. Após quase três meses de aventura na selva amazônica, estão no olho da rua. A situação do **Holanda** não é exceção, mas regra no Amazonas.

Aderbal Lana sabe disso. O treinador é uma referência no futebol local. Dirigiu os quatro clubes mais tradicionais do estado em mais de três décadas de trabalho e levantou nove taças. Ganhou notoriedade, principalmente, por levar os amazonenses ao tricampeonato da Copa Norte (1999, 2000 e 2001) e, em 1999, ao vice da Série C do Campeonato Brasileiro e à semifinal da extinta Copa Conmebol<sup>7</sup>:

— Isso não existe, cara. É um campeonato que fazem assim, no empurrão, de qualquer jeito, só pra falar que teve. Esses caras são presidentes de federações [estaduais], apadrinhados pela CBF, que passa a mão [na cabeça]. Fazem o que querem e fica tudo por isso mesmo.

Lana ensaiou sair da contestação nas coletivas e partir para a ação no fim de 2017, quando anunciou que seria candidato à presidência da Federação Amazonense de Futebol. Desistiu a uma semana do pleito, no fim de abril de 2018, para apoiar Mário Ivan, ex-dirigente de futebol do Clube **Nacional Borbense** e do **São Raimundo**, oposição a Dissica Valério Tomaz, que venceu mais uma vez.

Para variar, sobra para os jogadores. E a maior preocupação continua: sobreviver. Pouco antes da Copa do Mundo, Tiago Verçosa, manauara de 26 anos, capitão do **Holanda** no Estadual, tinha dúvidas sobre o futuro.

— A gente começa o ano, é pré-temporada, treinamento, começam os jogos, recebe tudinho, ali é o momento do jogador,

7. Aderbal Lana dirigiu Nacional, Rio Negro, São Raimundo e Fast. Conquistou oito títulos pelos três primeiros: quatro pelo Nacional (1986, 1991, 2012 e 2015), três pelo São Raimundo (1997, 1998 e 1999), um pelo Rio Negro (1989) e nenhum pelo Fast. O último foi em 2017, pelo Manaus Futebol Clube, caçula do campeonato, com fundação em maio de 2013. Também dirigiu Penarol Atlético Clube, Sul América e Princesa do Solimões Esporte Clube. O mineiro de Uberlândia ainda faturou o tetracampeonato mato-grossense pelo Mixto (1979, 1980, 1981 e 1982).

que tá em atividade. Mas aí, quando vai chegando no final do campeonato, a gente vai ficando meio preocupado. Será que eu vou tá empregado? Será que vai ter o segundo semestre? É difícil, complicado.

Colega de Tiago no **Holanda**, Wellington Alexandre dos Santos, o zagueiro conhecido como Alexandre Black experimentou um caminho inverso. Nascido em Campinas, foi revelado pela Ponte Preta, time importante do interior de São Paulo. Disputou a Série A do Campeonato Brasileiro em sua temporada de estreia entre os profissionais, em 2006, mas sua equipe acabou rebaixada. Permaneceu encostado no time por mais dois anos, e, a partir daí, passou a entender o que é ser nômade no futebol brasileiro. Rodou por times pequenos de Goiás, Pernambuco e Maranhão até chegar ao Holanda, em 2014.

— A questão é você estar trabalhando, porque já está difícil hoje em dia o futebol se você estiver empregado. Se não estiver, então, piorou. Muita concorrência, muitos jogadores.

Depois da rescisão, o destino o levou, aos 28 anos, para Rolândia, no Paraná, na outra ponta do Brasil, onde disputou parte da Segunda Divisão do Campeonato Paranaense pelo Nacional-PR. Os registros a partir daí começam a ficar confusos<sup>8</sup>.

Além do **Holanda**, outro time rebaixado em 2014 foi o **Sul América**, o pior do Amazonense daquele ano, e que ficou sem jogar na temporada seguinte. Apesar do nome continental, lembra um time de várzea. A piada é que sua sede em Manaus mais parece o Castelo de Grayskull, do He-Man, desenho animado dos anos 80. Lembra casa de torcedor fanático com decoração temática para provar devoção.

O aviso para não estacionar na garagem do vizinho está lá, quase escondido pela pilha de lixo. Em frente, há um parquinho às moscas, com balanço e escorregador enferrujados, árvores pedindo poda e banquinhos sem quina. Por dentro, um salão comprido leva a um trecho a céu aberto. Ali, na altura do banheiro,

8. Depois de defender o Nacional-PR, em 2014, Alexandre Black aparece em ao menos dois sites de transferência e histórico de jogadores como ausente de times profissionais por quase três anos. Os registros indicam sua passagem pela Portuguesa de Londrina, em 2017, e nada mais. Em contato por telefone para a conclusão deste livro, ele confirmou esta última passagem e ficou de enviar outras agremiações que defendeu – o que nunca aconteceu. Com cidadania italiana, vive em Londres com a família e, enquanto aguarda a janela de contratação do meio do ano de 2018, disse atuar por times semi-profissionais pela bagatela de até 300 libras esterlinas (quase R\$ 1.500) aos sábados.

um sujeito se recompõe do xixi, pênis à deriva, como se estivesse em casa. O homem de pele oleosa, barriga de chope, à vontade nas chinelas, mesmo naquele domingo de decisão pela permanência na elite amazonense, é Luiz Costa, presidente do **Sul América** há 15 anos. Limpa as mãos na calça de ginástica e, meio sem jeito, me cumprimenta.

— Já chegou, é?

Logo no início da conversa, mostra quem manda no clube. Autoriza fotos do alojamento dos jogadores, mas logo avisa:

— Olha lá o que você vai escrever. Se falar mal do futebol amazonense mando te matar lá em São Paulo. Tô falando sério, olha lá o que você vai falar.

Na dúvida entre uma ameaça real à minha longevidade e a pressão rotineira de cartolas caricatos como aquele, faço as fotos e escrutinizo cada canto do local com a mesma cara-de-pau – se é para morrer, ao menos vamos terminar o trabalho. A preocupação de Luiz se justifica. A acomodação oferecida para os jogadores de fora de Manaus é insalubre. Separados do banheiro por um corredor, os quartos e o ambiente sem janela fazem do horário do banho uma sauna e, ao mesmo tempo, com os fios à solta, um convite ao incêndio. A situação não melhora quando eles deixam o quarto para treinar. Pelo menos um jogador, o zagueiro Fernando, se machucou por causa das condições do “gramado”, localizado a alguns minutos de carro do alojamento. Quase não há verde. O que domina é a terra batida, seca. Na pequena área, pombos brigam com um urubu pelo saco de lixo abandonado.

— Tudo o que você imaginar já tentei. O governo ajuda num ano, no outro não. A maioria dos clubes aqui não tem receita própria. Nós não temos porra nenhuma, vivemos da ajuda de amigos e da minha ajuda. Todos os nossos jogos deste ano deram prejuízo. Clube nenhum no Amazonas ganha dinheiro! Ninguém mais quer assumir essa porra, vou fazer o quê? – choraminga o presidente que, vejam só, tem como vice o próprio filho, Alex, também atacante reserva do time.

Nem os clubes mais tradicionais do Estado fogem desse script de desmantelamento do grupo de jogadores que disputa o Campeonato Amazonense tão logo a edição em questão se encerra ou está para acabar. Quando estão sem risco de rebaixamento e com poucas chances de disputar títulos, costumam

dispensar dezenas, sob o pretexto de que alguns já têm proposta de outras agremiações ou querem voltar para casa. Foi assim com o Nacional **Fast** Clube em 2014. Com o método, de fato, economizaram alguns dias de salário. O **Nacional**, por exemplo, manteve em seu elenco de 2015 apenas quatro jogadores que disputaram a temporada anterior.

Distante da crítica da imprensa, dos dogmas da gestão esportiva e até mesmo dos desejos das torcidas, a realidade se apresenta como realmente é. Bruta. Sem sutilezas. Infelizmente, acabou. Adeus. E obrigado. Na verdade, obrigado por nada.

## DE MÃOS DADAS ATÉ O FIM

Em outro encontro na cidade de Rio Preto da Eva, nada chamava mais a atenção na casa do **Holanda** do que os berros do presidente visitante. Com um vasto repertório de palavrões, Luiz Costa se fazia ouvir por todo o **Sul América** num estádio vazio. Jogadores, rivais, arbitragem, ninguém escapava. A participação era tão efusiva que, na reunião do intervalo, no gramado mesmo, passava por cima do técnico Conrado, cobrava o grupo e avisava a um cidadão, assim mesmo:

— Larga essa cachaça de ontem, porra, e vamos jogar!

O gol suado no fim coroava a tática peculiar. No vestiário, comemoração digna de título. Com direito a música, dancinha em roda e até balde de água fria em cima do artilheiro. Ali conhecia o Trem da Colina e o cartola que mais tarde me ameaçaria de morte. Um time montado por indicações de empresários, conhecidos, gente que, segundo o próprio Luiz, nem sabia o que era uma bola.

O **Sul América** insistia, de alguma forma maluca, em cruzar o meu caminho. Naquele 6 de abril de 2014, o foco era o **Holanda**. Dias depois, num treino do **Fast**, bem, era o **Fast**, mais especificamente o técnico Aderbal Lana. E lá estava o **Sul América**

mais uma vez, para uma atividade conjunta e amistosa. Era parte de seu périplo, procurando espaço para treinar.

Nesse segundo encontro, de tanto bater papo com os atletas, a ponto de brincarem com a minha máquina fotográfica, acabamos relativamente íntimos. O suficiente, ao menos, para me convidarem a conhecer o alojamento. Relutei. Insistiram e vi ali uma oportunidade para seguir de perto o clássico Galo Preto, assim chamado pelo histórico de macumbas nas vésperas dos jogos entre **Sul América e São Raimundo**.

Na concentração, antes de enfrentar o arquirrival, macarrão à bolonhesa e refrigerante. É este o cardápio que vai sustentar os atletas até o apito final. Termina a refeição e me oferecem um prato. Recuso com a desculpa de que já tinha almoçado no hotel. Mentira. Na despensa, pães velhos e duros como pedra.

Agora, silêncio e atenção. Hora de todos ouvirem o presidente antes de arrumar o material e partir. Respeito e cabeça baixa, ninguém ousa interromper e muito menos tirar sarro. Alguns se ajeitam na cadeira de plástico, preocupados em se adequar à solenidade. Os que olham o celular furtivamente ouvem poucas e boas. Destaques ganham o merecido elogio e uma bela pressionada para carregar o piano. A verdade é que, no burburinho das rodinhas, só o que resta é a promessa do bicho de R\$ 500 para vencer e escapar do rebaixamento.

Com galões de água vazios e baldes de materiais de construção, Wesley, Bruno, Pelé e Aécio fazem da pracinha em frente palco de música. O quarteto carrega a animação para o micro-ônibus. Uma das canções não podia deixar de ser aquela da barata da vizinha, perguntando a cada um dos viajantes o que iam fazer para se defender. A única mulher, uma espécie de faz tudo, responde que “ia ficar pelada para todos”. Uivos, risadas e medo. Meia volta. Esqueceram os goleiros. A ausência foi notada, curiosamente, ao passar em frente à sede do **São Raimundo**, que, além de principal rival, é vizinho de bairro.

No estádio do Sesi, o Roberto Simonsen, aos poucos, cada um inicia seu ritual. Seja de silêncio, parado, ou de brincadeira e companheirismo. Aprontam-se do jeito que dá. Natan fica envergonhado quando clico sua meia, rasgada pela metade. Pelé até tenta ajudar e chama o roupeiro. Almir responde que não tem jeito, vai ter de ser com aquela, sem dar atenção, como quem dissesse: “Até parece que você não sabe”. Na preleção, o

técnico Conrado, dá o último recado:

— Vocês são jogadores de futebol porque fizeram uma opção de vida. Tem que fazer sempre o seu melhor – seja lá o que significa isso neste contexto.

Talvez inspirado pela Seleção Brasileira na vitoriosa campanha da Copa do Mundo de 1994, o **Sul América** entra em campo de mãos dadas. Sem torcida, diante dos torcedores fanáticos do adversário, capazes até de ofuscar os berros guturais do presidente, o que restava realmente era isso: união. O jogo era tão ruim que aventei a possibilidade de rebaixamento duplo. Apesar de desperdiçar um pênalti, o **São Raimundo** fez o gol salvador. Enquanto registro gente cruzando o gramado ajoelhado, arrancando a roupa do goleiro, jogador subindo no alambrado, noto a confusão no meio do campo, perto do túnel comum que leva aos vestiários dos times e da arbitragem. Bicho, música, carreira, toda a inspiração anterior foi para o espaço.

O goleiro Nilson perde a cabeça. Corre para o trio de arbitragem querendo tirar satisfação e dá um empurrão justo na bandeirinha. O batalhão de choque chega junto, tentando montar aquele escudo em volta dos donos do apito. Jogadores e membros da comissão técnica do **Sul América** não colaboram: amontoam-se ao redor, apontando o dedo na cara, gritando impetuosos e incessantemente furando a barreira. No corredor que liga aos vestiários, estreito, os policiais dão prioridade aos ameaçados e bloqueiam a passagem. Alex, atacante reserva e vice-presidente do clube, cheio do gás que não pôde gastar nos 90 minutos, peita um dos oficiais, forçando a entrada. Ao tentar ganhar pelo menos essa, perde mais uma.

Quando finalmente permitem a entrada, no curto caminho por debaixo das arquibancadas do estádio, a funcionária do clube – a mulher que se dispôs a ficar pelada – filma tudo aos berros, denunciando o que considerava abuso de autoridade. Os policiais não estão nem aí. Os 16 destacados para o policiamento daquele dia prostram-se em frente à porta. Como xerifões de zaga. Justo em frente a um painel que homenageia os zagueiros campeões mundiais Ricardo Rocha e Ronaldão. Queriam o **Sul América** na delegacia para responder por agressão e desacato. Luiz Costa consegue a liberação com o argumento de que precisavam ao menos tomar banho. Lá dentro do vestiário, de celular na orelha, ele tenta reverter o quadro. Recebe,

minutos depois, a visita do Tenente Marcelo Arruda, o único calmo por ali. Argumenta que seu rebento estava disposto a se retratar, pediria desculpas, e o arqueiro, você sabe, é caboclo, já chorou, bom menino. Nada feito.

O cenário é desolador. Todos de cabeça baixa, sem forças até para ir ao chuveiro. Não sabiam o que era pior: a derrota, o rebaixamento, a confusão ou a prisão temporária. Esgotadas as opções naquela hora, estava definido: todos saíam juntos. De lado, sozinho, sem piscar, como alguém que acaba de presenciar uma tragédia, Wesley, contrastando com a empolgação na concentração, sequer se mexe. Com a esposa, o cunhado e alguns amigos presentes no estádio, queria ter entrado, dado algo mais. Ensaia frases prontas, soluça e começa a chorar:

— O primeiro clube da minha vida... E me acontece isso... Nem pude fazer nada... Ser rebaixado assim é meio... Constrangedor... Você traz a sua família pro estádio, vê sua esposa, os colegas e não pode falar nada... Só olhei pra eles, de longe, e baixei a cabeça... Não pude... Não consegui falar nada, né...

De última hora, Luiz Costa consegue que apenas Nilson e Alex sigam para a delegacia. Alívio das famílias, que estavam sem notícias, esperando do lado de fora, no crepúsculo da tarde. Dou adeus a quem consigo encontrar. Não parece boa hora para nada. Sem a perspectiva de Segunda Divisão no ano seguinte,

*9. O Sul América não participa de competições profissionais desde o rebaixamento de 2014. É verdade que acabou prejudicado pela inexistência de Segunda Divisão do Campeonato Amazonense nos dois anos seguintes. Por outro lado, tirou uma licença para retornar às atividades apenas em 2019.*

o **Sul América** também dá adeus. Ao drama de tentar existir como clube de futebol profissional<sup>9</sup>, num Brasil que a gente mal conhece, nem sabe o que se passa.



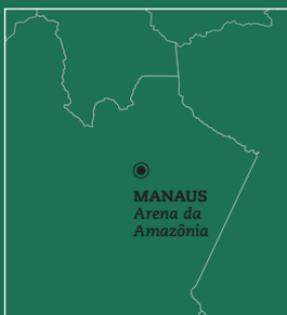


2





## O CANTEIRO DE OBRAS



O arquiteto Miguel Capobiango Neto aparece na portaria da gigantesca construção dirigindo sua caminhonete de quatro portas. O pôr-do-sol tinge de laranja o canteiro, os operários e o seu rosto ao abrir a janela do carro preto. Ele está de partida para o prédio da Secretaria de Planejamento do Governo do Amazonas. Ali, comandou por três anos e meio a Unidade Gestora do Projeto Copa, ou UGP Copa, a secretaria do governo estadual responsável pela preparação de Manaus para receber os jogos internacionais.

Sem tirar os olhos das ruas, entupidas de carros e atravessadas a esmo por pedestres, Capobiango tem seu raciocínio interrompido no viaduto que se eleva acima de árvores altas e prédios baixos. É que surge, majestosa, a Arena da Amazônia no horizonte, um dos 12 estádios da Copa do Mundo de 2014.

— Essa é a melhor vista do estádio. Daqui ele fica muito bonito.

Carioca, filho de uma tradicional família da política amazônica, a do ex-governador Gilberto Mestrinho, mudou para Manaus em 1987 e ali construiu sua carreira – inclusive como deputado e secretário-geral do MDB amazonense. Trabalhava em um escritório de arquitetura no Rio de Janeiro e veio à cidade para orientar a construção de novos hotéis. Nunca mais voltou.

Durante os três anos e meio à frente da UGP Copa, coordenou muito mais do que a construção da Arena da Amazônia. Cuidou de todas as intervenções na infraestrutura da cidade, incluindo a reforma de outros dois estádios de menor porte, Coroadó e Colina, e serviços que vão do atendimento médico à segurança. O ano de 2014 já caminhava e as autoridades corriam contra o tempo. Estavam incompletas todas as quatro intervenções urbanas previstas na Matriz de Responsabilidades, uma lista de compromissos assumidos entre os governos federal, estadual e municipal para implementar “medidas conjuntas e projetos imprescindíveis” para a realização do torneio (obras viárias, melhorias no aeroporto internacional de Manaus, reformas no porto, entre outras). Das quatro intervenções tidas como “imprescindíveis” no projeto original, apenas a Arena ficou completamente pronta antes do início do torneio<sup>1</sup>.

— Eu não tinha noção do tamanho que era organizar uma Copa do Mundo – comentou a exatas 20 semanas antes do pontapé inicial. Talvez fosse esse o motivo por que entregaria sua carta-renúncia poucos dias antes da disputa.

Manaus foi escolhida para vender a ideia de que o Mundial seria organizado sob princípios de sustentabilidade. Estratégia alinhada à do Green Goal, programa criado pela Fifa em 2006 justamente para a entidade se colocar como defensora do meio ambiente em suas intervenções ao redor do planeta – em obras de estádios, basicamente.

Nem as promessas, nem o alarde, porém, foram o suficiente para evitar a marca do desmatamento no maior patrimônio ambiental brasileiro.

Cinco toneladas e meia de aço estão nas bases profundas da Arena da Amazônia, em compridos ver-

1. Em 2014, concluíram-se a Arena da Amazônia, novas instalações do Porto de Manaus e parte das obras no Aeroporto Internacional Eduardo Gomes – finalizado, de fato, apenas em janeiro de 2015. Na área de mobilidade urbana, desistiu-se do plano inicial do BRT (Bus Rapid Transit) e o edital, como alterações, previsto para junho de 2018, acabou adiado – mais uma vez.

galhões debaixo do concreto armado das arquibancadas, nos pilares e nas grades. O carvão que abasteceu siderúrgicas e chegou ao estádio na forma deste aço nasceu justamente nas bordas desmatadas da Amazônia, no sertão do Goiás e em terrenos devastados ao longo do Cerrado brasileiro. Muito mais do que o verde, o cinza.



## O AÇO DA FLORESTA



As mesmas estradas que cortam a floresta, ligando municípios e povoados no interior do Pará, orientam o desmatamento da Amazônia. Quem vê uma foto de satélite da região percebe facilmente as “espinhas de peixe”, nome originado pelo desenho formado no mapa – incontáveis riscos perpendiculares à estrada saindo em direção à mata, deixando o rastro da destruição. À medida em que foram abertas, essas trilhas facilitaram o acesso a terrenos sem dono repletos de madeira. Assim, estradas clandestinas foram surgindo e mais árvores, caindo. Viajar por

essa região é uma surpresa para quem espera ver só floresta. Os trechos da Transamazônica cercados por mata fechada são raros. A paisagem é dominada por pastos. Onde existe estrada, existe devastação.

No sul do Pará, de onde partem as espinhas de peixe que se espalham pelo estado inteiro, esse desmatamento está intimamente ligado à siderurgia. As fábricas estão concentradas no distrito industrial de Marabá, que recebe o minério de ferro extraído em Eldorado dos Carajás, a apenas 100 quilômetros de distância. O outro componente essencial dessa indústria é o carvão, que funciona ao mesmo tempo como combustível para os fornos e como redutor químico na mistura com o ferro. Ao fundir ferro e carvão em um forno a 1.400°C, obtém-se o ferro gusa que depois será refinado para virar aço. Não poderia haver coincidência melhor para os negócios: enquanto uma das maiores minas de ferro do Brasil está bem ali, em Carajás, o carvão vegetal pode ser feito com a madeira da maior floresta tropical do mundo. E não poderia haver combinação pior para o meio ambiente.

Foi para ligar o primeiro forno de siderúrgica que a floresta no entorno de Marabá começou a ser transformada em carvão vegetal, de acordo com o historiador Maurílio de Abreu Monteiro. Em 1988, a primeira carga de carvão teria entrado no pátio da Companhia Siderúrgica do Pará, que já estaria incentivando o desmatamento desde o ano anterior. As carvoarias se concentravam ao longo da estrada PA-150, entre o distrito industrial de Marabá e a cidade de Jacundá.

É a mesma via que os carvoeiros de Tailândia, localizada 300 quilômetros ao norte de Marabá, usaram para transportar carvão para a fábrica da Siderúrgica Norte Brasil S.A., a Sino-bras. Entre novembro de 2010 e julho de 2012, quando as fundações que sustentam a Arena da Amazônia estavam sendo preenchidas com aço, a Sinobras recebeu carvão de pelo menos cinco carvoeiros que seriam multados e embargados pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, mais conhecido como Ibama – por fraudar o sistema de controle do governo para acobertar o desmatamento ilegal.

O esquema parece complexo, mas é simples. O governo desenvolveu um sistema eletrônico, o Sistema de Comercialização e Transporte de Produtos Florestais (Sisflora), capaz de rastrear

todas as empresas que trabalham com madeira e seus derivados. Isso inclui desde a empresa que planta ou derruba árvores, até a companhia que compra a madeira para fabricar carvão.

A própria empresa digita tudo no sistema: quem recebe a madeira, a quantidade, como é transportada, se são toras ou se está cortada, e até se sobrou algum resíduo ou material que não foi processado e ficou para estoque. Em tese, um sistema ótimo. Mas é na madeira não aproveitada em que quase sempre ocorre a fraude. Esse foi o caso das carvoarias.

As carvoarias D. A. Pinto e J. S. Comércio e Transporte de Carvão, por exemplo, simularam compras no Sisflora que nunca aconteceram. Controladas pela mesma família, ambas declararam comercializar resíduos de madeira para fabricar carvão que, supostamente, viriam de madeiras legalizadas dispostas ao longo da Transamazônica. O Ibama descobriu que a venda virtual era feita apenas para ocultar a derrubada de árvores.

Os agentes do órgão observaram no Sisflora registros de vendas entre cidades muito distantes e em quantidades enormes. Carregamentos que levariam dias para serem feitos, que exigiriam três ou quatro caminhões, eram finalizados em questão de segundos. No sistema, tudo parecia normal: eram apenas carvoarias comprando resíduos. Os fiscais do Ibama, contudo, perceberam que se tratava de um transporte falso. A madeira real era vendida ou repassada ali por perto, na região da madeireira, enquanto o sistema eletrônico do governo era usado apenas para o crédito virtual.

Quando conheci Robson, um caminhoneiro de 53 anos que trabalha desde os 19 atrás do volante, ele estava no meio de uma viagem entre Pará e Goiás para entregar um carregamento de madeira que serviria para fazer estacas.

— Tem muita fumaça lá naquele lugar, em Tailândia. É cheiro de queimada pra tudo quanto é lado. Às vezes você vê a fumaça lá longe e pensa que é chuva, que é neblina, mas não. Quando chega perto dá pra ver que é carvoaria.

Há relatos desse tipo sobre todas as cidades da região. Outro caso que envolveu a Sinobras foi em Ipixuna do Pará. A siderúrgica continuou comprando da Magno Santos & Antonio Almeida Ltda. mesmo seis meses após ter sido embargada, em maio de 2012, por vender carvão vegetal sem licença. Os fornecimentos

continuaram até pelo menos novembro daquele ano, de acordo com documentos do Instituto Carvão Cidadão, uma entidade criada pelas próprias siderúrgicas para fiscalizar as condições de trabalho de seus fornecedores. A carvoaria também foi flagrada fornecendo guia florestal e notas fiscais para acobertar um transporte clandestino apreendido na paraense Goianésia.

O problema passa também pela convivência do governo estadual. A empresa está localizada a menos de três quilômetros de uma vila em Tomé-Açu, o que contraria a Resolução nº 25 do Conselho Estadual de Meio Ambiente. A Secretaria do Meio Ambiente do Pará (Sema-PA) justifica a infração, de acordo com Roberto José Scarpari, agente fiscal do Ibama da região desde 2007, de uma forma um tanto quanto esdrúxula.

— No relatório de um vistoriador da Sema, constatei a seguinte pérola: ‘que a Vila expandiu rapidamente na direção da carvoaria’. O próprio servidor público que está ali para cumprir com a legislação ambiental procura explicação a todo custo para manter o licenciamento, o empreendedor não precisa nem trazer projetos alternativos para a solução da irregularidade.

Acomodado em sua escrivaninha no escritório do Ibama de Marabá, Scarpari consegue identificar as fraudes mais comuns dos carvoeiros apenas passando os olhos pela tela do computador. Até 2011, as fraudes no Sisflora eram tão explícitas que a conta de muitas siderúrgicas de Marabá simplesmente não fechava. Comparando a produção das empresas com o volume de carvão necessário para produzir o ferro gusa, o agente fiscal concluiu que não havia carvão disponível no mercado formal que pudesse abastecer a siderurgia na região. Ou seja, as fábricas nunca poderiam produzir tanto sem o carvão clandestino.

— Quando eu falei isso [aos empresários], aí sim a coisa mudou. Aí eles começaram a levar mais a sério.

É difícil dizer se o meio ambiente é realmente levado mais a sério nos últimos anos, digamos, em termos práticos. Houve uma queda nas taxas de desmatamento da Amazônia Legal a partir de 2004, mas os índices voltaram a crescer entre 2013 e 2016. O carvão faz parte dessa história. Um estudo feito pela ONG Repórter Brasil, em 2012, estimou que cerca de 60% do carvão vegetal produzido no país saía de floresta nativa – quase tudo extraído ilegalmente. De acordo com o estudo, os manejos

sustentáveis de florestas cobriam menos de 1% da produção de carvão com árvores nativas.

Scarpari disse à época de nosso encontro, em 2014, que a Sinobras era, entre as três empresas em atividade no pólo siderúrgico de Marabá, a que mais se esforçava para se tornar autossustentável – o que não era suficiente<sup>2</sup>.

— Isso acontece porque o produtor fica implorando para os outros: ‘Compra meu carvão, compra meu carvão’, até alguém dizer ‘tá bom’ e acobertar para ele. É responsabilidade da empresa fiscalizar. Sempre que nós pegamos alguma coisa da Sinobras é um mau sinal.

2. A última autuação da Sinobras, aplicada pelo Ibama em outubro de 2017, obrigou a empresa a pagar R\$ 4,5 mil. A siderúrgica não preencheu corretamente o Cadastro Técnico Federal do órgão.

De julho de 2010 a setembro de 2011, a Sinobras já havia recebido carvão ilegal por meio de uma fornecedora que acobertava a produção da Campos Belo, outra empresa da lista de embargos do Ibama. Foi esse o período em que a Sinobras levou aço para a Arena da Amazônia – informação confirmada pela UGP Copa e a construtora Andrade Gutierrez.

Foram inúmeras tentativas para agendar uma entrevista com os responsáveis da siderúrgica para falar sobre os fornecedores que haviam cometido infrações. Na resposta por *e-mail*, limitaram-se a afirmar que produtores autuados não necessariamente estariam irregulares. Não houve resposta sobre os casos de embargo de seus fornecedores.

Fato é que os vergalhões de aço da Sinobras, como a própria confirma, viajaram de Marabá até o porto Chibatão, em Manaus, para serem, em seguida, transportados 11 quilômetros ao norte, diretamente para a Arena da Amazônia.



## DO CERRADO À AMAZÔNIA

Um tom de palha com cinza no gramado preenche os canteiros entre as seis pistas de asfalto no eixo principal de Nova Crixás, município do noroeste goiano. Ali, entre lojas de material para construção, restaurantes de comida caseira, pedaços de terra cor ferrugem e sol intenso, passa a rodovia GO-164, onde o menor dos ruídos é capaz de se propagar a quarteirões de distância.

Em frente a um posto de gasolina, um caminhoneiro de costas para o balcão segura um copo de pinga com a mão esquerda e uma garrafa de cerveja com a direita. A cachaça vai num gole só. A outra bebida não precisa de pressa. Robson é natural de Santa Luzia, em Minas Gerais. Por muitos anos transportou aço e ferro gusa no seu estado, principalmente a serviço da siderúrgica Alterosa, que vende sua produção para diversas fábricas da Gerdau – uma das gigantes da produção de aço brasileira.

— Olha, meu chefe trabalha com carvão. Trabalha só com pinus, planta um monte dessa árvore. Mas às vezes tem um cerrado naquele terreno ali do lado, um pouco de mata naquele outro. Aí eles desmatam e de noite trazem tudo para o forno e fazem o carvão. Carvoaria trabalha sempre à noite. Até as seis da manhã os caminhões carregados saem todos.

No posto, cinco caminhões com carga e dois desatracados descansam no estacionamento. Ao anoitecer, realmente parece ter algo diferente no ar.

— Aqui por perto tem carvoaria. É só sentir o cheiro.

A região de Nova Crixás foi, por alguns anos, uma grande produtora de carvão para os pólos siderúrgicos de Minas Gerais. Em 2011, cerca de 70 pessoas foram encontradas em condições de trabalho análogas à escravidão, distribuídas entre 11 fazendas. Os trabalhadores eram levados para lá em ônibus fretados, vindos das mineiras Paracatu e Mirabela. No sertão goiano, foram encontradas em barracos sem banheiro, encanamento de água, trabalhando sem equipamentos de proteção e sob ameaças, segundo consta num relatório do Ministério do Trabalho.

Na feira de domingo, que acontece sob um galpão na cidade de Santa Terezinha de Goiás, a 70 quilômetros de Nova Crixás, pela manhã é possível encontrar alguns dos carvoeiros descansando à mesa do bar. Gilson acabou de sair do trabalho trazendo mãos rachadas e unhas pretas. Ele é um dos resgatados daquela operação de 2011 e, apesar de ser de Minas, resolveu ficar no norte de Goiás e continuar trabalhando em carvoarias.

— Meu patrão me trouxe e deixou aqui, foi pra outro lugar. Acabei ficando, tinha mulher e três filhos. Sem condições de seguir com os caras. Trabalhador solteiro acaba indo.

Gilson é o primeiro a dizer que seu serviço “é ruim e faz muito mal pro ambiente, derruba árvore que não pode”. Ele está especialmente insatisfeito com as condições de segurança. É uma das oito pessoas dando duro para abastecer 15 fornos na carvoaria. Vinha tentando mudar para a área da construção civil, mas sem sorte até nosso encontro.

— Não existe carvoaria ‘nota dez’, é mentira. Você trabalha como cavalo. E mata mesmo, porque respira fumaça o dia inteiro – concorda João Batista de Queiroz, então vereador e presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Nova Crixás.

Em 2014, existiam duas carvoarias em atividade em Nova Crixás, de acordo com o sindicato. Cinco anos antes, 40. As reservas do sertão de Goiás minguaram, restando poucas além do trecho do rio Araguaia. A maior parte dos carvoeiros saiu do estado em busca de novas florestas, fugindo também dos pedidos de prisão do Ministério Público. Essa diminuição nas

denúncias preocupava Antônio Carlos Cavalcante, procurador do Ministério Público do Trabalho de Goiânia.

— Em todas as carvoarias em que botamos o pé, havia trabalho escravo. Essa é uma atividade escondida, que tem de ficar longe das autoridades e de qualquer civilização.

A produção de carvão que antes estava no norte de Goiás migrou principalmente para o Tocantins. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que a produção goiana caiu pela metade de 2010 para 2011, de 111 para 52 mil toneladas. A tocantinense, por sua vez, mais do que dobrou de 2011 para 2012, passando de 9 para 22 mil toneladas. Puxado principalmente pela região ao sul, aonde fica Gurupi, cidade apontada como o epicentro da produção carvoeira do estado. As autoridades também sabem que siderúrgicas e grandes aciarias ainda recebem no Sudeste o carvão ilegal de outras regiões. Em junho de 2014, enquanto o mundo se voltava para o início da Copa, poucos prestaram atenção à operação que encontrou 89 carvoarias ilegais, em ação conjunta do Ibama, Ministério Público Federal e Polícia Federal. Em Minas Gerais, 36 siderúrgicas foram autuadas por comprar o carvão que vinha de Goiás, Tocantins, Mato Grosso, Bahia, Paraná e Pernambuco.

Anos atrás, o então estagiário Antônio Augusto Malard resolveu visitar todas as guseiras de Minas Gerais para verificar se o tratamento de resíduos sólidos, emissões de gases e o consumo de carvão vegetal estavam sendo feitos dentro da lei. Com a pesquisa desenvolvida para o seu mestrado na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) alcançou o cargo de analista ambiental. E, a partir da dissertação, a Fundação Estadual do Meio Ambiente (Feam) – uma das instituições que fiscaliza a produção de metais e o consumo de carvão do estado – baseou seu principal plano de ação para resolver o problema.

— Todas as empresas fazem os monitoramentos exigidos e apresentam resultados dentro dos padrões. O que é completamente incoerente. Quando você passa na rodovia, dá para ver que não tem como estar dentro da legislação.

A ligação entre as siderúrgicas problemáticas de Minas Gerais e a Arena da Amazônia está em Piracicaba, no estado de São Paulo. O aço que sustenta todo o concreto armado do estádio foi feito lá, em uma das unidades da ArcelorMittal, maior

produtora de aço do mundo. Para fabricá-los, a aciaria compra ferro gusa de uma siderúrgica localizada a 700 quilômetros de distância, na cidade mineira de Sete Lagoas. Esta siderúrgica é a Sidermin (Siderúrgica Mineira).

Em 2011, uma operação do Ibama fez com que a Sidermin ficasse desativada por cerca de seis meses. Pela operação Corcel Negro, dez caminhões carregados de carvão foram confiscados em Sete Lagoas e um dos donos da empresa chegou a ser preso.

O estádio em Manaus não é o único que foi feito com aço da ArcelorMittal. A empresa diz ter produzido pelo menos metade do aço necessário para as obras da Copa do Mundo. Os problemas na cadeia de fornecedores que abastecem a empresa também não se resume à Sidermin.

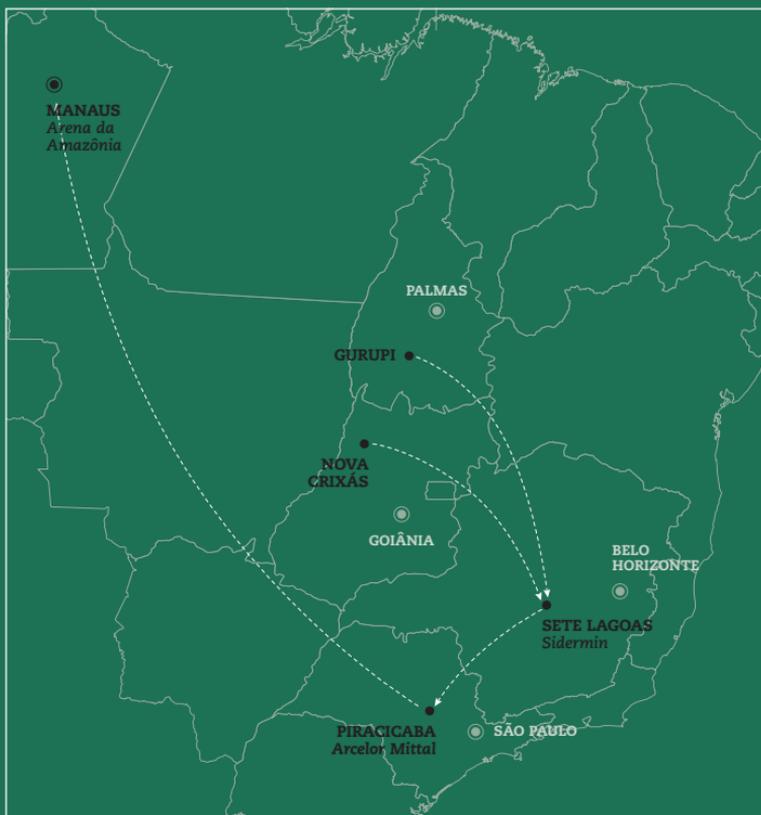
As relações comerciais da multinacional com as siderúrgicas mineiras, multadas e interdidadas mais de uma vez nunca parou. A Siderúrgica União havia sido multada em 2012 por receber mais de 17 milhões de metros cúbicos de carvão sem origem comprovada. A empresa faz parte do mesmo grupo societário de uma fábrica instalada em Marabá e com extenso histórico de envolvimento com produtores ilegais, a Sidepar.

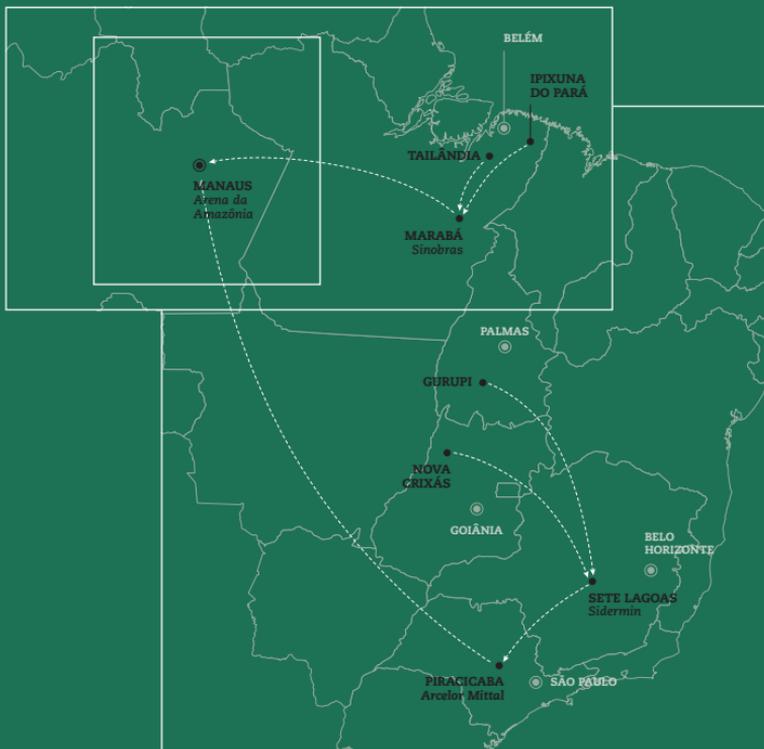
Os fiscais do Ibama diziam que esta era a empresa mais problemática do pólo de Carajás, no Pará. A maior libertação de trabalhadores em situação análoga à escravidão do ano de 2012 aconteceu em carvoarias que forneciam para a Sidepar. Agentes do Ministério do Trabalho libertaram 150 pessoas em Novo Repartimento, a 180 quilômetros de Marabá, e concluíram que o carvão era destinado também a outras duas siderúrgicas da região, Ibérica e Copiar.

Controlada pelos mesmos sócios da Sidepar, a Siderúrgica União continuou vendendo seu ferro gusa para as fábricas que iriam produzir o aço da Copa do Mundo. No dia 5 de junho de 2014, uma semana antes do início do torneio mundial, a Siderúrgica União recebeu nova ordem de embargo por receber carvão ilegal. O mesmo tipo de carvão que já havia passado por seus fornos durante anos, e abastecido a produção do aço que acabaria nos estádios.

Diz o ditado popular que onde há fumaça, há fogo. No trajeto da matéria-prima da construção da Arena da Amazônia, fez-se uma enorme cortina de fumaça, do Cerrado a Amazônia, causada pelas relações promíscuas entre siderúrgicas, carvoarias,

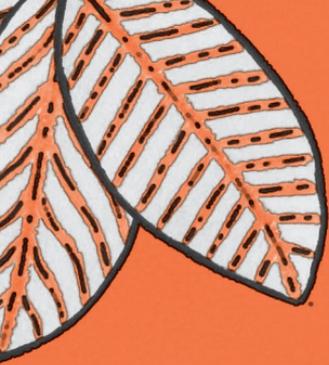
aciarias, construtoras e órgãos públicos. Mesmo com a louvável intenção de algumas pessoas, a verdade é que o fogo, à nossa revelia, continua a queimar as nossas florestas, a qualidade de vida de trabalhadores e suas famílias e o dinheiro público.











3





## CARTOLAS QUE PASSAM CHAPÉU

Tombada pela prefeitura de Manaus em novembro de 2013, de frente para a bem cuidada, florida e recanto dos apaixonados Praça da Saudade, a sede do Atlético **Rio Negro** Clube guarda parte da história do futebol local. Embora “guardar” não seja bem a palavra exata.

Ali existe uma porta de ferro preta entreaberta. Nem fechada por completo, inibindo qualquer estranho, nem escancarada, convidando os curiosos. Nada de vigia, segurança, guarda ou qualquer tipo de bedel. Aliás, uma alma viva sequer. Debaixo das colunas gregas, a fachada branca pomposa, o símbolo no ponto mais alto e central.

Outra porta, alguns metros adiante no terreno, essa sim, toda aberta, também preta, mas de madeira velha, pendendo levemente para a parede, introduz um corredor estreito, curto, que dá para as piscinas do clube. Duas, com raias em preto e branco. O suficiente para insistirem, mais tarde, ser esse o “parque aquático” do clube.

Em busca da secretaria ou de qualquer orientação, encontro escadas, subo para o andar de cima e outro corredor, este ladeado por salas que parecem não ter fim. Todas vazias, em

reforma. Uma delas denuncia o processo em andamento com a lata de tinta no canto, pincel e rolo. As duas últimas, ocupadas, parecem mais depósitos do que local de trabalho de alguém, com todo tipo de quinquilharia. No fim da linha, uma espécie de hall, como que avisando ser um espaço privado e nobre. Parece que um sofá já passou por ali para confortar os que aguardam atendimento. A plaquinha da última porta não deixa dúvida: “Presidência”. Como nas outras salas, batida na porta e pedido de licença, antes de entrar. Finalmente, alguém. Uma cabeçorra grisalha, de tamanho realmente fora do comum, sentado diante da mesa espadaúda, no canto da sala vazia e de pintura branca envelhecida.

— Com licença, o senhor é o presidente?

Escondido entre pilhas de papel, protegido, de um lado, por um cofre do tamanho de uma geladeira e, do outro, por pôsteres de antigas misses do **Rio Negro**, em roupas decotadas, a resposta vem curta e grossa:

— Sim, sou eu.

Na réplica, o pedido de entrevista, assentido de cara amarrada, sem palavras. Thales Verçosa ajeita-se na cadeira cor de creme, com o símbolo do **Rio Negro** na altura da nuca, e, mesmo sisudo, sem perder a pose, sorri de canto de boca, deixando o lábio dar uma leve tremida. Enche o peito para dizer que é o clube mais bem estruturado da região, dando atenção não só para o futebol, mas também para outros esportes, como vôlei, natação, handebol, futsal e tênis de mesa. E como estão indo financeiramente? Bem, as atividades tiveram de ser interrompidas. Corte de gastos para o pagamento da dívida de R\$ 4 milhões.

Considerando que a receita acumulada pelo Rio Negro jogando em casa não passou de R\$ 10 mil – todos os jogos acabaram em prejuízo, na verdade, aumentando ainda mais a dívida do clube –, entende-se o motivo de tantas salas vazias. A tendência, já à época, era esvaziar ainda mais, já que o time fora rebaixado com três rodadas de antecedência no Campeonato Amazonense de 2014, com direito a goleada de 8 a 1.

— A quantia, pelo menos aqui, é substancial. Encontramos uma situação pré-falimentar. Peguei quatro penhoras da sede, com leilão marcado. Tiramos e estamos pagando.

Thales, que foi presidente da Federação Amazonense de Futebol (FAF) por dez anos, acreditava, quando conversamos,

que daria para sanar tudo em três anos. Projetava também um plano de sócio-torcedor e pretendia aproveitar o fato de, historicamente, a torcida “barriga preta”, como são chamados os torcedores do **Rio Negro**, ser formada principalmente pela elite da cidade e do estado – embora o maior público do time na competição de 2014 tivesse sido de 118 pagantes. Seria uma boa forma, na sua visão otimista, de fazer caixa com ingressos, camisa, produtos licenciados<sup>1</sup>. Ou aproveitar os fãs para lucrar com quota de TV e patrocínio.

Só faltava um detalhe. Os sócios do clube estavam ficando pelo caminho. Segundo o próprio cartola, de 5.223 títulos, não havia nem 3 mil associados ativos.

— A maioria morreu. Dos vivos, 60% estão acima de 40 anos, e destes, ainda, 60% estão acima de 60 anos – calcula, não sei como, o dirigente fã de porcentagens.

O dia de baile no Salão dos Espelhos, com seu auge nas décadas de 1940 e 1950, era um acontecimento em Manaus. Reduto da alta sociedade, de acordo com Thales:

— Não era qualquer um que entrava, não podia nem ir de tênis. Era uma frescura da porra.

Coisa do passado. As festas também entraram na economia. E nem porteiro sobrou.

Não que a situação esteja muito melhor para os rivais. O **Fast**, uma dissidência do **Nacional**, que só encerraria um jejum de 45 anos sem título em 2016, a despeito de investimento em jogadores relativamente famosos naquela temporada. O campo de treino e estádio improvisado, com troncos de árvores cortados no meio dos lances de arquibancada, é fruto de uma parceria com o Centro Universitário Luterano de Manaus (CEULM/Ulbra). O **São Raimundo**, aquele de maior sucesso recente no cenário nacional, evitou o rebaixamento em 2014 apenas na última rodada, como já vimos na primeira parte do livro. A sede em forma de cubo tem referências ao tricampeonato da Copa

1. No fim das contas, o que Thales Verçosa realmente fez de efetivo foi firmar uma parceria com a empresa Excellence, de São Paulo, para gerir o futebol do Rio Negro por dois anos, com início em 2017. Em menos de seis meses, porém, a imprensa descobriu que seu diretor-presidente estava envolvido em denúncias na Justiça Trabalhista e o rompimento aconteceu ainda naquele ano. Dodô, ex-atacante do São Paulo, entre outros clubes, conhecido como o artífice dos gols bonitos, veio para ser o treinador e saiu cuspidor marimbondos. Thales reconheceu ter sido enganado. E, em 2018, o que mais alavancou o nome do clube foi uma foto nas redes sociais dos jogadores pegando carona para o treino na carroceria de uma picape. Viralizou e virou até meme.

Norte (1999, 2000 e 2001) em todos os lados e uma caseira de idade avançada firme na ordem de impedir qualquer visita.

O único time amazonense que ainda consegue pagar salários mais altos (para os padrões locais, claro) é o **Nacional**. No campeonato de 2015, o time teve uma folha de pagamento de R\$ 300 mil mensais, dez vezes maior do que a do **Rio Negro**.

O centro de treinamento do **Nacional** não só tem porteiro como um bocado de caciques. Manoel do Carmo Chaves Neto, o Maneca, um dos diretores, é o escolhido para falar em nome do clube por sua vasta experiência quando da minha passagem pela região, em 2014. Com os cabelos penteados e uma camisa azul engomada para dentro da calça jeans, é um típico vovô.

— Oi, meu amor, o que é que o seu avôzinho querido pode fazer por você? – pergunta a uma neta, por telefone.

Aquele professor de matemática do Instituto de Ciências Exatas da Universidade Federal do Amazonas, com dificuldade de conter as mãos que insistem em tremer e o celular pendurado no cinto, é um velho lobo do futebol local.

Fez carreira no esporte apoiado em partidos conservadores, tanto no período democrático quanto na ditadura militar. Foi deputado estadual por 16 anos, até 2003. Durante os anos de chumbo, conseguiu o terreno do **Nacional** numa doação, como contou no nosso encontro, “através de amigadas”.

Os rivais do **Nacional** apontam favorecimento ao clube. Omar Aziz, ex-governador do Estado (de 2010 a 2014), um dos poderosos da região<sup>2</sup>, é um dos torcedores mais fanáticos e, dizem as más línguas, responsável por “captar” recursos. O centro de treinamento foi construído na sua gestão como dirigente.

— É assim que funciona aqui, com acusações desse bando de medíocres – o assunto incomoda Maneca, que revira os olhos para uma questão aparentemente recorrente.

O fato é que Omar, desde 2015 no cargo de senador da República, gosta de se meter, mesmo longe da administração. Esse envolvimento é de conhecimento público. E Maneca confirma o quanto o colega gosta de aparecer no clube e dar pitacos. Os laços políticos bem posicionados do **Nacional** é que fazem surgir as dúvidas, diante da penúria geral e irrestrita do futebol

2. Antes de ser governador do Amazonas, entre 2010 e 2014, Omar Aziz foi vice-governador do estado, de 2003 a 2010. Começou como deputado estadual amazonense, entre 1990 a 1994, e ainda chegou a ser vice-prefeito de Manaus, de 1997 a 2002.

local, sobre como o clube consegue dar conta dos R\$ 300 mil de despesas mensais. Para o dirigente, a explicação é simples:

— Você sabe que o [ex] governador, sendo nacionalino, todos conhecendo, evidentemente que aquelas pessoas que nós procuramos, indústria, comércio, enfim, aqueles que podem dar [dinheiro], o nome do governador é importante. Temos alguns patrocinadores, uns do nosso distrito industrial [Zona Franca de Manaus], mas muitos não querem revelar o nome. Quando o clube não está nas primeiras divisões [nacionais], nem todo mundo quer sua marca aparecendo.

Thales Verçosa, o presidente do rival **Rio Negro**, prefere explicar de outra forma:

— Vamos lá. Quem é que constrói com o governo? As empresas. As empresas não elegem os governadores, os deputados? Pois, então. Ela banca tua campanha por que gosta de ti? Não, é porque depois de eleito tu vais arranjar alguma coisa pra ela, obras pra ela.

Quando perguntamos se haveria algum pedido especial por parte de Aziz para que empresários invistam no rival, Verçosa responde de pronto:

— Isso, pô! Mas ele [Omar Aziz] dizia: “Tu vai dar tanto pro **Nacional**”. E a empresa continua fazendo obras pro Estado. É assim que funciona, rapaz. O [ex] governador faz tudo pelo clube. Só pra você ter uma ideia, em 2013, quando o **Nacional** disputou a Série D do Campeonato Brasileiro e a Copa do Brasil, dava R\$ 1,5 milhão por mês pro clube. O que eu vou fazer, brigar com o governador? O Brasil funciona assim.



## CAMISA AMARELA

Dissica Valério Tomaz não me atendia por nada desse mundo. As palavras “imprensa” e “paulista” eram, naquele momento, sinônimo de problema. Poucos dias antes do nosso encontro, em abril de 2014, o presidente da Federação Amazonense de Futebol (FAF) tinha ido ao Congresso falar sobre as denúncias de pedofilia nas categorias de base dos clubes amazonenses.

Para a minha sorte, um amigo de Manaus conseguiu fazer a ponte. Conhecia um parente próximo de Dissica. Fez a ligação na minha frente. Do outro lado da linha, mesmo sem escutar, sentia o nervosismo de quem ouvia um pedido indecoroso. Com o celular na orelha, assentiu que nada tinha a ver com aquela polêmica. Não é? Virou para mim, aguardando uma resposta. Balancei a cabeça positivamente e o amigo retrucou que, pronto, tá vendo, não vai ter nada disso. É um bom menino.

Em alguns minutos, o retorno com tudo agendado. O entrevistado marcou num posto de gasolina que tinha como “conveniência” uma tenda de temakis e um restaurante de peixes. Tomei um chá de cadeira. O garçom que consentiu a espera de mais de uma hora parecia se divertir. Ele sabia que eu aguardava um cliente fiel e uma figura iminente. Quando Dissica fi-

nalmente atendeu às minhas ligações, fez-se de desentendido. Percebeu que tinha sido traído pela memória e quis me convencer do contrário. Estava a caminho, logo ali do lado.

Como um verdadeiro cartola, digno de quem há cerca de 25 anos comanda o futebol local, um dos mais longevos entre os presidentes de federações estaduais<sup>3</sup>, ele escolhe a mesa, cumprimenta o garçom frustrado com a minha companhia ali materializada, distribui sorrisos e tchauzinhos. É o dono do pedaço. Reforça o perfil de gestor e, principalmente, de uma figura pública influente.

O primeiro notável da lista de amizados, por exemplo, é Marco Polo Del Nero, ex-presidente da Federação Paulista de Futebol (FPF) e ex-presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Dessas coisas que só acontecem no Brasil, Del Nero foi acusado pela Justiça dos EUA de sete crimes, incluindo lavagem de dinheiro e participação em organização criminosa, e permaneceu como presidente da CBF por quase todos os três anos de sua gestão. Com autoridade, força e audácia até para emplacar o sucessor, Rogério Caboclo, em chapa única.

O fato de Del Nero ter recebido US\$ 6,5 milhões em propina, segundo os promotores americanos, para beneficiar agências de marketing esportivo em contratos, não foi o suficiente para tirá-lo da presidência. Nem sendo citado por delatores e réus confessos do caso como um dos dirigentes de “maior poder no continente”, registrado em planilhas e conversas telefônicas interceptadas, ou notório seu medo de ser preso por autoridades americanas ao redor do planeta. A ponto de até Galvão Bueno, o narrador mais famoso da TV brasileira, no fim de 2017, em seu programa na Sportv, pedir que largasse o osso. Em três anos como presidente da CBF, Del Nero só saiu do país uma vez.

Nesta única vez, em maio de 2015, retornou às pressas justamente ao saber da prisão de sete membros da Fifa em Zurique, na Suíça, aonde acontecia o 65º Congresso Anual da entidade. José Maria Marin, seu antecessor, fora um dos detidos. Ele seria

3. Em nosso encontro, em abril de 2014, Dissica Valério Tomaz disse, ainda que titubeando, ter quase certeza de que começara seu período à frente da Federação Amazonense de Futebol em 1993. Por isso, registramos aqui neste livro, concluído em 2018, seus 25 anos comandando a FAF. Há, porém, controvérsias. Segundo as contas do jornal gaúcho Zero Hora, por apuração de 2015, seriam 24 anos. Para o colunista Marcel Rizzo, do UOL, em publicação de 2017, chegaria a 29 anos. De qualquer maneira, segue entre os cinco mais longevos de todo o futebol brasileiro.

um dos próximos. Por sorte, a legislação brasileira não extradita seus cidadãos. Então, pôde ficar aqui livre, leve e solto – caso também de Ricardo Teixeira, que compõe o trio acusado pelos mesmos crimes e foi o mais longevo na CBF, de 1989 a 2012.

Del Nero, nega tudo, claro, devolvendo o chumbo. Chama toda a operação de “graciosas especulações investigativas”. E quando pode, tenta conseguir alguma ajuda extra no caso. Em agosto de 2016, quando Gianni Infantino esteve no Brasil, conseguiu uma foto a seu lado entregando a camisa da seleção brasileira ao presidente da Fifa.

O italiano se esquivou do assunto até o fechamento deste livro. Mas o Comitê de Ética da entidade, acompanhando a condenação de Marin, até enrolou, suspendendo Del Nero provisoriamente de qualquer atividade relacionada ao futebol por 90 dias, no fim de 2017, e prorrogando no ano seguinte, em meados de março, por mais 45 dias; mas, em 27 de abril de 2018, finalmente, deu o veredicto final, banindo-o de uma vez por todas do esporte, considerado culpado das acusações de “suborno e corrupção”, “oferecer e aceitar presentes e outros benefícios”, “conflito de interesses” e por ter violado “regras gerais de conduta” do Código de Ética da Fifa.

Era este o grande amigo de Dissica, de quem teve emprestado um flat em São Paulo para hospedar a filha, estudante de Medicina na cidade – como adorou se gabar.

O próximo da lista de amigos é José Maria Marin, por quem foi convidado para chefiar a delegação brasileira em uma oportunidade. Só que, diferentemente de seu sucessor, Marin amarga a prisão nos Estados Unidos. Os primeiros cinco meses, na verdade, foram em Zurique, quando estava, em 27 de maio de 2015, entre os sete membros da Fifa detidos na operação comandada por autoridades americanas. Extraditado, passou os dois anos seguintes em seu apartamento na Trump Tower, em Nova York, avaliado em US\$ 3 milhões, numa rotina em que frequentava restaurantes do bairro, comungava na igreja e saía até quatro vezes por semana.

Só em dezembro de 2017 que, condenado por seis dos sete crimes de que fora acusado pela Justiça americana, foi enviado para o Metropolitan Detention Center, uma prisão federal no Brooklyn, em Nova York. A sentença final veio em agosto do ano seguinte, totalizando a pena de quatro anos, o confisco de US\$

3,35 milhões e multa de U\$ 1,2 milhão. Presidente da CBF de 2012 a 2015, Marin foi considerado pelo júri popular no Tribunal Federal do Brooklyn culpado por crimes de fraude financeira (ligados a Copa América, Copa Libertadores e Copa do Brasil), lavagem de dinheiro (Copa América e Copa Libertadores) e por ser parte de organização criminosa. Se safou apenas de uma acusação de lavagem de dinheiro. E um dos argumentos de seus advogados foi o de que era, de certa forma, um laranja de Marco Polo Del Nero. Como um rei, apenas ocupava a cadeira, não tomava as decisões. Em sua defesa, jogou o amigo no fogo.

No celular, orgulhoso, Dissica mostra a foto com os jogadores que estiveram no amistoso em terras alpinas, em agosto de 2013, na gélida Basel. Na tal viagem em que era chefe da delegação, a convite de Marin, não recorda o resultado. Justamente a derrota de 1 a 0 que encerrou uma invencibilidade de 11 partidas da seleção.

Parrudo, de cabelos negros, marcados por um grisalho que começa a se destacar, àquela época com 62 anos, Dissica entrega seu lado vaidoso. A que chama de esportista. Conta da breve carreira como goleiro, inicialmente do **Rio Negro**, e, em seguida, do **São Raimundo**. Fala das técnicas e aparelhagens inovadoras nos treinos de tênis de mesa, outra de suas especialidades. E mostra, empolgado, tempo de corrida que fez, outro

*4. Em Assembleia Geral da CBF de 2006, aprovou-se a extensão do mandato de toda a presidência da entidade daquele ano até 2014 – justamente o ano de realização da Copa do Mundo no Brasil. Foram beneficiados o então presidente Ricardo Teixeira, seus cinco vice-presidentes regionais e os membros do Conselho Fiscal. Algumas federações estaduais “copiaram” a ideia, caso da FAF. O estatuto de 2006 da Federação Amazonense, reformado por conta do novo Código Civil de 2002, previu a extensão do mandato daquele ano – de Dissica Valério Tomaz, é óbvio – até 2008 e previu para a próxima gestão mais seis anos, concluindo o ciclo também em 2014.*

dia mesmo, gravado no celular. Uma trajetória de vida, entende, capaz de fazê-lo um dirigente antenado e defensor do esporte. Exalta sua campanha vitoriosa no título amazonense de 1982, como diretor do **Rio Negro**, encerrando a hegemonia do **Nacional**, então hexacampeão, e lembra ser esse outro trunfo para alçá-lo.

Assim como outros presidentes de federações estaduais, valeu-se de uma canetada para alongar o mandato próximo do fim, às portas da Copa do Mundo. A justificativa? O torneio<sup>4</sup>. Dissica diz que aceitou ficar no cargo por ser uma missão.

— Eu não ia disputar, mas agora, com essa estrutura [Arena da Amazônia], decidi que vou. E agora eu quero ver, porque muita gente vai querer, você vai ver.

Mesmo longo e querendo mais, Dissica enfrenta questionamentos de todos os lados.

Ele é contestado tanto por seu mandato praticamente eterno, como pela época à frente da prefeitura de Eirunepé, no interior do estado. A quantidade de processos é tamanha que a assessoria de imprensa do Tribunal de Justiça do Amazonas lamentou não poder detalhar cada um. Só em Eirunepé, conta 19. Em primeira e segunda instâncias na capital amazonense, Manaus, pelo menos mais 54.

Apesar de ter aprendido a domar a imprensa e também por controlar parte dos veículos de comunicação (uma rádio, uma editora e, nas mãos de sua família, o jornal impresso, “A Crítica”, da Rede Calderaro, que tem ainda a afiliada da Record e da Rede TV), os torcedores amazonenses, que nada tem a ver com isso, não poupam o cartola das brincadeiras e abusam dos memes. Em um deles, com sua carinha na alça de uma mala de viagem, a mensagem pede, desesperadamente: “desapega”. Dissica hesita na hora de tratar os assuntos mais importantes (como a Arena da Amazônia conseguirá ser autossuficiente; por que o campeonato local segue uma incógnita a cada ano; qual a solução para unir, organizar e fazer dos clubes locais instituições minimamente decentes), mas nunca dá o braço a torcer.

Uma das reclamações de dirigentes locais, por exemplo, era em relação ao calendário. Por que insistir num torneio de três meses de duração, já que apenas um time representaria o Amazonas na Série D do Campeonato Brasileiro, limitando as atividades dos clubes a um trimestre?

— O regulamento é discutido pra caralho! Tem umas... três reuniões. Deixo meu diretor de futebol discutindo com todos e aí venho na última [reunião], vejo, tal, e chego pra fechar – um exemplo de como Dissica leva as coisas.

Levanto a bola do tão temido escândalo de pedofilia e ele sai com mais uma pérola:

— Tem clube aqui que contrata veado para ser [treinador], para cuidar de categoria de base, por isso que deu a matéria que a gente tinha feito pedofilia nas categorias [de base] – argumenta, parecendo mais preocupado com a sua reputação do

que com qualquer trauma infligido a crianças e adolescentes<sup>5</sup>.

Seu tempo à frente da Federação Amazonense de Futebol foi considerada irregular pelo Ministério Público. Em dezembro de 2008, a promotora de Justiça Kátia Maria Araújo de Oliveira pediu o afastamento do dirigente por irregularidades no comando da FAF. Segundo ela, Dissica exercia ilegalmente o cargo.

A Justiça aceitou a tese e determinou a nomeação de um administrador temporário que pudesse adequar o estatuto à nova legislação civil e eleger outra diretoria. O administrador temporário era... o próprio Dissica. Em 15 dias, deveria adotar todas as medidas necessárias e passar o bastão para outro cartola.

*5. A repercussão do caso de pedofilia no futebol amazonense, revelado no primeiro semestre de 2014, foi tão grande que culminou em uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) no Congresso Nacional. Dissica deu seu depoimento de que nada sabia em 8 de abril daquele ano, pouco antes do nosso encontro. Nos quatro anos seguintes, mais casos foram revelados.*

A promotora, então, voltou à carga em 2010 apontando novas irregularidades nos documentos apresentados por Dissica e, dessa vez, sugerindo um administrador temporário específico: o advogado Alcebíades de Leiros Cavalcante, então presidente do **Nacional**. Ele até assumiu o cargo, mas não durou uma semana, pois uma liminar do Tribunal de Justiça do Amazonas determinou a volta

de Dissica ao comando da Federação. O duelo entre Dissica e promotora ainda não tinha acabado.

Kátia pediu o afastamento de Dissica da presidência novamente em abril de 2017, por irregularidades na prestação de contas entre 2003 e 2013, segundo o previsto na Lei do Desporto (nº 9.615/98). Entre as peripécias, o laudo pericial contábil apontou demonstrações contábeis irregulares, sem assinatura de contador e administrador, auditoria feita por contadores sem independência, rasuras, demonstrações não apresentadas, distorções em balancetes, inexistência de livros contábeis obrigatórios e atas de aprovação de Balanços Gerais por Assembleias Gerais. Como a FAF recebeu repasse do governo estadual no período, tem a obrigação de prestar contas detalhadas e precisas.

Dissica alegou que a sede da Federação foi vítima de furto, inclusive de documentos, em meados de 2012. A perícia contábil judicial, entretanto, demonstrou que não houve publicação do extravio de documentos em jornal de grande circulação nem comunicado do extravio à Receita Federal, como deter-

mina a lei. Mas como o oficial de Justiça curiosamente não o encontrou em 15 dias, mesmo participando de uma palestra na CBF nesse período, o dirigente sequer chegou a ser afastado. Deu tempo, com folga, de conseguir uma liminar para retornar sem mesmo sair.

— O Amazonas é um estado em que nada se consegue quando é feito contra determinadas pessoas. Acho que é melhor que o futebol do Amazonas não exista, que não serve para nada. O Tribunal não faz nada. Se a gente consegue na primeira instância, chega no Tribunal e tudo eles derrubam. No primeiro grau tem sucesso, quando chega no segundo, cai – esbravejou Kátia Maria, nossa paladina solitária.

Não é apenas o lado cartola de Dissica que enfrenta problemas na Justiça. O político também. Suas contas enquanto prefeito de Eirunepé, cidade de pouco mais de 30 mil habitantes, a 1.160 km de Manaus, já na divisa com o Acre, não foram aprovadas. Acumulou o comando da cidadezinha e do futebol amazonense, como se não fosse nada de mais, por oito anos, de 2005 a 2012. A fatura ficou alta nas calculadoras do Tribunal de Contas do Amazonas e da União.

Em setembro de 2013, o Tribunal de Contas do Estado do Amazonas apontou 35 irregularidades na prestação de contas do ano de 2005 e determinou que Dissica devolvesse R\$ 1,1 milhão aos cofres públicos – por isso, ele não pôde disputar as eleições para deputado estadual, em 2014. Entre os principais deslizes: não comprovou gastos de recursos federais repassados para a educação e a saúde, comprometeu mais de 60% do orçamento permitido para o pagamento de pessoal e fez licitações sem moldes legais. Já parece muito, mas não acaba por aí. Naquele mesmo ano, em novembro, o alvo de investigação foram suas ações de 2008 e, como resultado, a necessidade de pagar R\$ 456,7 mil por novas acusações. Em março de 2016, relacionado a 2012, acabou condenado a devolver R\$ 4 milhões.

Ainda falta o Tribunal de Contas da União. Em 2009, foi condenado a pagar multa de R\$ 26 mil por não comprovar a aplicação dos recursos destinados pelo governo federal em ações de controle da malária. Em 2010, a devolver repasse da Caixa Econômica Federal no valor atualizado de R\$ 1.493.648,05, para a construção de 50 casas e melhorias na infraestrutura urbana no município, por ter alcançado apenas 85% das obras e sem

resolver o problema de abastecimento de água e energia elétrica. Em 2013, por fim, recebeu a multa de R\$ 5 mil por omissão na prestação de contas quanto ao uso de recursos do governo federal para Centro de Referência da Assistência Social – Casa da Família do município, repassados na gestão anterior, mas de sua responsabilidade reportar no prazo ao Ministério da Assistência Social. Dissica tem as respostas na ponta da língua.

— Sabe por que aquela cidade me fez virar prefeito? Eu ia passar férias, levava bola, camisa, colete e distribuía. Ia pro estádio e mandava fazer traves de madeira, botava aquela corda. Arrumava tudo e ficava jogando bola com o pessoal o dia todo. De repente, meu irmão foi candidato, perdeu, e aí disseram que eu tinha de ir.

Dissica chegara ao nosso encontro a bordo de um SUV vendido nas concessionárias por cerca de R\$ 100 mil. Durante a entrevista, admitiu problemas financeiros na FAF, que estaria devendo R\$ 280 mil ao Instituto Nacional do Seguro Social (INSS). Explicou que o montante já foi bem maior, chegando a ser de R\$ 1,2 milhão<sup>6</sup>. Segundo ele, as dívidas eram despesas com arbitragem e quadro móvel (todos os funcionários que trabalham num jogo de futebol, do bilheteiro ao pipoqueiro). Como o público não enche nem uma sala de cinema, as rendas das partidas não são suficientes para bancar os custos e, se os clubes não pagam, como era o caso, o pagamento passa à Federação.

6. Segundo o Demonstrativo Financeiro de 2016 da Federação Amazônica de Futebol, a entidade tinha, ao menos até 31 de dezembro daquele ano, uma dívida de R\$ 43.538,45 com o INSS.

— Antes, eu tinha apartamento em Miami, Mustang na garagem, duplex no Rio, tudo! Agora que me meti em política...

7. Segundo a declaração apresentada ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) em 2016, quando da sua última tentativa de candidatura à prefeitura de Eirunepé, seus bens superavam os seis dígitos: R\$ 1.325.000. A discriminação indicava ações de dois meios de comunicação (a Rádio FM do Povo e a Editora Valério Tomaz) e seis propriedades, entre casas, terrenos e sítios na cidadezinha.

Enquanto limpa a farofa de banana do colo, o presidente da Federação, homem acima dos seis dígitos<sup>7</sup>, ouve atentamente as perguntas. Tudo não ficaria mais difícil com a construção da Arena da Amazônia? Se sentia injustiçado pelas críticas?

— Não, porra nenhuma, eu tô porque eu quero. Agora, tá entendendo o que eu quero dizer? Se o governo

não dá esse dinheiro, uns seis clubes nem entravam, aí fica difícil fazer futebol por aqui.

Nosso tempo está acabando. Não parece haver mais o que tirar daquele político tarimbado, um pouco desbocado, é verdade. Dissica paga a conta, como quem espera garantir a complacência de uma barriga satisfeita. Tem a elegância de oferecer uma carona em seu carrão, e a sinceridade de limitá-la ao ponto de ônibus, afinal, meu hotel era longe demais dali. Admite não ser muito fã de transporte público. Promete um CD de músicas de sua autoria. Diz que eu vou adorar. Castigado pelo sol, pergunto pela melhor linha para chegar ao centro e aguardo. Levemente culpado por não ter pago a refeição. Lembro do ditado americano de que não existe almoço grátis, de seu pedido para que maneirasse na hora de escrever. Termino (ou quase termino) esse trecho matutando. Coloco na ponta do lápis e, olha, contando um pouco mais sobre quem comanda um microcosmos do nosso futebol, como um representante de práticas que se repetem em vários outros cantos e instâncias, sinto que, é, taí um belo de um recibo.



## TÃO PERTO, TÃO LONGE

O desfecho é quase como (o de) um filme. Em que cenas curtas, entrecortadas, passam pela minha cabeça. A dimensão das histórias e do tema está comigo. Compreendo a dimensão daquela realidade. Só que, aqui, já sei: sem final feliz.

Fabiano, de 29 anos, reserva do **Nacional** no campeonato de 2014. Sentamos ao entardecer, após um treino, na calçada de uma ruazinha do centro de treinamento que liga a entrada aos campos de futebol. Desanimado como tantos outros jogadores do futebol amazonense, pensava em abandonar o sonho e buscar outro destino qualquer.

— Tem horas que dá vontade de parar. Vejo amigos fazendo faculdade, tendo a própria vida, tudo sólido, sabe? E a gente nessa incerteza.

Fabiano ainda disputava a quarta rodada do segundo turno, e seu **Nacional** colocaria no peito mais uma vez, a faixa de campeão local. Um privilegiado, diriam alguns. Mas quem passasse em frente ao complexo do Sesi, na zona leste de Manaus, na tarde de 5 de abril de 2014, conseguiria entender a incerteza expressa pelo jogador.

Ao lado do estádio do Sesi, o ginásio abrigava uma matinê,

com adolescentes fantasiados como personagens de quadrinhos e animes japoneses, e outros com a indumentária clássica de fãs de rock pauleira. O evento reunia mais gente do que o confronto entre o **Nacional** e o **Fast**, a poucos passos dali.

De dentro do estádio, os cantos racistas e homofóbicos das duas torcidas rivalizavam com as caixas de som que traziam para o gramado as vozes dos dubladores oficiais do desenho Cavaleiros do Zodíaco. O calor intenso ajudava a criar um clima de tensão diante daqueles grupos de torcedores rivais. Não dá confusão? O policial ri e balança a cabeça negativamente:

— Fica tranquilo. Aqui o pessoal não é disso – em referência ao meu sotaque paulista.

Depois de um primeiro tempo monótono, o segundo incendeia. O **Fast** marca e a torcida do **Nacional** não se conforma. O bode expiatório é o bandeirinha. A grade de ferro que garante sua integridade física parece muito fácil de se derrubar. O **Nacional** empata e salva a pele de todos. A torcida de maior número explode num misto de alegria e raiva. Com a igualdade, o **Fast** vai para a última rodada praticamente desclassificado, dependendo de pelo menos mais dois resultados que não viriam. O **Nacional**, por sua vez, consolidava a ponta de seu grupo que o levaria mais tarde ao título.

A volta para casa, como sempre, reservam as dúvidas e as angústias de cada um. No estacionamento, onde alguns torcedores do **Nacional** conversam amistosamente, um grupo do **Fast** surge, vindo da rua para provocar. Voa uma pedra, outra. Começam os gritos. Corre-corre. Voadoras, punhos cerrados, turma do deixa-disso e a polícia como barata tonta. Um oficial joga spray de pimenta no colega. Nada tranquilo.

Um ferido mais sério, com o pé esquerdo ensanguentado, chora de dor – e do susto – no meio-fio. A atadura improvisada para aguentar até o pronto socorro. Uma cena que parecia rara, nas palavras da polícia, repetia as de outros jogos daquele campeonato estadual e terminaria, na fase de grupos, com o **Sul América** trancafiado no vestiário, como relatado anteriormente. Mais bárbaro, só o desfecho daquela edição, na decisão do título entre **Nacional** e **Princesa do Solimões** Esporte Clube, com uma pancadaria generalizada envolvendo os dois times.

— Hoje, eu me sinto até constrangido de falar do futebol daqui, porque, na década de 1970, eu me lembro que, para assistir

ao RioNal [apelido do clássico entre **Rio Negro** e **Nacional**] nesse mesmo estádio, eu tinha que sair de casa ao meio-dia para poder pegar lugar para assistir ao jogo. Hoje, nada. Não dá nem 10% daqueles torcedores que vinham para o estádio – conta, do lado de fora, o taxista José Ribamar dos Santos, testemunha de momentos áureos do futebol local.

Do lado de dentro, outra constatação sintomática. Mesmo quando o jogo é bom, a arrecadação de Rodrigo com a venda de refrigerante e cerveja não é das melhores.

— A gente ganha mais dinheiro é no Peladão [a famosa liga amadora local], mais do que no Campeonato Amazonense – compara o ambulante com sete anos experiência.

O técnico Aderbal Lana esperava que a devassa promovida na Fifa – aquela que prendeu José Maria Marin e manchou a carreira de Marco Polo Del Nero, os amigos de Dissica que sentaram na presidência da CBF – pudesse se repetir na FAF.

— O campeonato é trabalhado de uma forma complicada para os clubes. Um campeonato longo, com muitos prejuízos. Mas está chegando ao fim. O importante é que está chegando ao fim – quase que comemorava, ainda em 2014, em tom de resignação, de quem sabe que a esperança é da boca para fora.

Como Lana profetizou, estamos mesmo perto do fim. Tanto no Amazonas como em outros estados, no Brasil inteiro. Ou já chegamos lá e fingimos não ver, tergiversamos e nos apegamos aos últimos fios de esperança – por uma virada.

Afinal, visto de perto, todo esse caos do futebol amazonense, ainda que um microcosmos, é um cenário crível. Pense bem. O governo estadual está louco para entregar a Arena da Amazônia de bandeja à iniciativa privada. A Federação Amazonense de Futebol parece mais interessada no seu lucro percentual, nas amizades e na perpetuação no poder. Os dirigentes dos clubes conformam-se, brigam entre si e pedem esmola. Os torcedores sequer comparecem aos jogos – e os que vão, brigam sem motivo algum, afastando ainda mais o público. Jogadores voltam para seus estados de origem ou sofrem com um calendário de três meses de trabalho por ano, correndo para peladas mais lucrativas no meio do mato. A fiscalização de crimes ambientais, que deveria envolver, como apresentamos aqui, o caso da Arena da Amazônia, vive de mãos atadas, quando não faz vista grossa. A imprensa insiste nas gracinhas, nas investigações

que não se aprofundam e acaba na ciranda da impunidade com cara de última a saber.

A maior floresta do mundo parece mesmo não ter nada a ver com futebol. Há muito tempo, os protagonistas do jogo na região resolveram tomar um caminho lamacento, como o de Renato Benigno para fugir da patrulha, saindo pela rota alternativa – livres e impunes. Deram de ombros com o cenário de improvisação, precariedade e violência que viram instalado ou ajudaram a instalar. Fizeram-se e fazem-se de surdos para os problemas e as críticas. Escancaram a própria realidade e, concomitantemente, a realidade brasileira – ainda que com a ressalva das peculiaridades regionais e os diferentes graus de mazela. E continuamos, a maioria, sem (querer) enxergar o óbvio: o elefante branco no meio da selva amazônica. Ou os vários elefantes, espalhados por nossa terra. Uma selva. A selva do futebol.

## O FIM (?)

Em junho de 2014, o Amazonas presenciou um marco para o estado no quesito futebolístico. Inglaterra, Itália e outras seleções de astros desembarcaram em Manaus para colocar à prova a Arena da Amazônia. Erguido ao longo de quatro anos, ao custo de R\$ 660,5 milhões, chamou a atenção de todo o mundo com a realização de quatro partidas. Esse brilho, porém, restringiu-se àquele mês – e, para não ser tão severo, estendeu-se um pouco a agosto de 2016, quando recebeu seis jogos, quatro do masculino e dois do feminino, da Olimpíada do Rio de Janeiro<sup>1</sup>.

*1. Apesar de a Olimpíada de 2016 ter sido realizada no Rio de Janeiro, as disputas do futebol masculino e feminino espalharam-se para além de Maracanã e Engenhão. Também receberam partidas olímpicas: Belo Horizonte (Mineirão), Brasília (Mané Garrincha), Fonte Nova (Salvador) e São Paulo (Arena Corinthians).*

Para se ter uma ideia da capacidade de atração de público do futebol amazonense ainda em 2014, excluindo-se os jogos da Copa, a média de público do campeonato local caiu para 662 pagantes, contra 804 no ano anterior. As 59 partidas do Estadual daquele ano reuniram exatos 41.540 espectadores, menos do que a capacidade da Arena, de 44.500 pessoas.

Em 2012, uma pesquisa da consultoria Pluri Stochos mos-

trou que a região Norte tem o maior percentual de pessoas que não torce por nenhum clube (27,5%). E quem torce prefere o eixo Rio-São Paulo, com Flamengo, Corinthians e Vasco nos primeiros lugares. O Paysandu, do Pará, vem em quarto, com 6,9%. Não havia entre os dez primeiros qualquer clube amazonense.

Um levantamento mais recente, divulgado em fevereiro de 2017, ataca este último ponto, mostrando que apenas 0,5% da população da capital torce por algum time da terra. Estamos falando de um universo de aproximadamente 10 mil pessoas. O que não lota nem o estádio da Colina, com capacidade para 10.400 pessoas. O mais curioso, segundo a “Pesquisa365”, é que, das 1.050 pessoas interpeladas com a pergunta “Você torce por qual time de futebol no Brasil?”, só dez teriam mencionado espontaneamente **Nacional, Rio Negro** ou **Fast**.

Nem o surgimento de um aparelho esportivo moderno foi suficiente para alavancar o interesse local pelo futebol ou por seus clubes. Em 2015, a Arena até apareceu na tabela do Campeonato Amazonense, mas foi, aos poucos, readequada à realidade dos clubes. Primeiro, descartada no maior clássico, entre **Nacional** e **Rio Negro**, para a abertura da competição. Depois, de outras rodadas. Especulou-se sobre as semifinais. Mas só os dois jogos da decisão, entre **Nacional** e **Princesa do Solimões**, com mais um título nacionalino, tiveram esse privilégio.

Gostaríamos de informar e falar mais a respeito do público no Estadual depois disso, mas o assunto não é de domínio público. A Federação Amazonense de Futebol não disponibiliza em seu site oficial os relatórios financeiros nem das partidas do torneio de 2018, ano de conclusão deste livro, quanto menos das edições anteriores. Essas informações interessariam para confirmar a frequência de uso da Arena da Amazônia, o total e a média de presentes. Disponível mesmo apenas as súmulas, com escalas e outras informações técnicas das partidas, preenchidas pela equipe de arbitragem.

Por registros da imprensa local e nacional, conseguimos alguns dados. De que até fevereiro de 2017, a Arena da Amazônia havia recebido apenas 15 partidas em que os duelos eram justamente entre amazonenses. Tudo bem que seis desses encontros tenham sido em dia de rodada dupla, medida adotada na edição de 2016 do Campeonato Amazonense. Ainda assim, o público total somou 25.301 pessoas, pouco mais da metade

da capacidade. Em 2018, o estádio contou com as partidas das fases finais do certame e apenas na decisão, quando o **Manaus** Futebol Clube goleou o **Fast** por 4 a 0, se alcançaram os quatro dígitos, com 1.101 presente.

O que se verifica pelas maiores competições do país, a regional, que envolve equipes do Centro-Oeste e do Norte do Brasil e assegura ao campeão uma vaga na Sul-Americana, a Copa Verde, e as nacionais, Copa do Brasil e Série D do Campeonato Brasileiro, são momentos pontuais de arquibancadas cheias. Os principais atrativos são os adversários: rivais regionais, os paraenses Remo e Paysandu (levando em torno de dez mil em cada uma das três oportunidades), e grandes clubes nacionais, caso de Santos (beirando os 20 mil) e Corinthians (a maior marca em jogos de clubes amazonenses: mais de 35 mil).

Tanto é assim que o **Nacional**, o clube amazonense de maior torcida no Estado e aquele com mais partidas na Arena da Amazônia, não arrasta nem 10% da capacidade do estádio se não for diante de adversários desse calibre. No embalo da Copa do Mundo e de sua inauguração, conseguiu, em 9 de abril de 2014, justamente quando visitei o local, pela primeira fase da Copa do Brasil, no triunfo de 2 a 1 sobre o São Luiz de Ijuí, do Rio Grande do Sul, o maior público presente: 3.183 pessoas. No intervalo, diante das câmeras de TV, um punhado de jovens saltava e cantava, em coreografia. Tudo bonitinho para a reportagem do dia seguinte, que não mostrou takes do estádio praticamente às moscas. Milagres da edição.

As dificuldades para lidar com a Arena da Amazônia não eram novidade para ninguém, muito menos para o governo local, ainda em 2014. Até mesmo quem cuidou do estádio durante o período anterior à Copa do Mundo tinha dúvidas sobre sua viabilidade. É o caso de Ariovaldo Malizia, conhecido como Seu Ari, responsável pela administração de todas as instalações esportivas do Amazonas no período em que a Arena foi construída e também durante a sua fase de testes.

— Não temos suporte para segurar isso aí. Tinha uma manutenção, mas, por exemplo, só a parte de TI [tecnologia da informação] é altamente complexa, requer pessoas de alto conhecimento nessa área. O gramado, por exemplo, você pode lá da sua casa acionar o controle para molhar a grama. A modernidade é tão grande que chegou a esse ponto. Esperamos que logo cedo

o governo possa terceirizar a administração da Arena, de modo geral, porque os custos vão ser altos, com certeza.

Até hoje, não se sabe o que vai acontecer com a Arena.

Em sua mesa, seu Ari tenta parecer organizado e a par de toda a situação, como um professor que não quer perder a atenção e a confiança dos alunos. Modos de quem foi, de fato, professor de Educação Física antes da carreira pública. Quando seu telefone toca, pede a alguém da equipe para dar uma mão, já que tem dificuldades para se entender com o aparelho. Se do outro lado alguém solicita algo complicado, interrompe a conversa, olha para o funcionário e suspende a respiração. Sua feição gorda, suada, parece inteira se acentuar. É como se a apneia estivesse à beira de levá-lo a um enfarte ou como se os olhos azuis pudessem saltar das órbitas a qualquer instante. Em uma das primeiras partidas na Arena, quando teve que se virar para que tudo desse certo, o corpo cobrou a fatura:

— No outro dia tive que tomar não sei quantos comprimidos de tanta dor nas costas e nas pernas.

Na pilha de papéis da escrivania arrumada para a foto, Seu Ari deixou um documento com o planejamento para fazer da Arena algo rentável. A folha não era timbrada. Também não tinha cabeçalho com data, nomes de políticos, setores governamentais ou qualquer carimbo de identificação. No alto, lia-se apenas “Perspectivas de Viabilidade Econômica”. Abaixo, uma lista que ia de jogos de clubes brasileiros na Copa Libertadores a shows internacionais e eventos religiosos.

A principal disputa continental da América do Sul até se concretizou, mas não, provavelmente, como imaginaram. Perto da conclusão deste livro, a Conmebol decidiu pôr Manaus como sede da Copa Libertadores de 2018, só que da categoria feminina<sup>2</sup>. O estádio aceitou formatura universitária, festival de música e bazar. E os gigantes nacionais, que o digam os cariocas Botafogo, Flamengo e Vasco, adoraram aparecer sem ter de enfrentar oponentes amazonenses. Em 11 partidas envolvendo ao menos um time do Rio de Janeiro, 7 tiveram mais de 20 mil presentes, registrando uma média de 26 mil e dominando os três maiores públicos

2. Diferentemente do masculino, o feminino é disputado no mesmo local por um punhado de dias. Atualmente, a dos homens dura praticamente o ano inteiro. A disputa das mulheres seria entre 4 e 18 de novembro, com jogos na Arena da Amazônia e no estádio da Colina.

– descontando Copa e Olimpíada<sup>3</sup>. Uma iniciativa interessante, o Torneio Super Series (ou Torneio de Verão de Manaus) reuniu Flamengo, São Paulo e Vasco para embates de pré-temporada em janeiro de 2015. Infelizmente, foram apenas três encontros num triangular que acabou ali.

A seleção brasileira marcou presença num confronto importante. Em seu segundo compromisso à frente do escrete, ainda tentando recuperar um time de que se duvidada até da classificação à Copa

do Mundo de 2018, Tite viu 36.609 pessoas apoiarem seus comandados numa vitória difícil de 2 a 1 sobre a Colômbia, válida pelas Eliminatórias sul-americanas e reencontro das quartas do Mundial anterior. A versão olímpica também fez escala em Manaus, mas não há dados de público.

Cabe uma nota à parte para as mulheres, que, de alguma forma, fizeram da Arena da Amazônia se não a sua casa, uma de suas casas em território nacional. Em quatro partidas, a seleção brasileira ergueu o caneco do Torneio Internacional de Futebol Feminino em dezembro de 2016 e goleou a Bolívia por 6 a 0 num amistoso do ano seguinte – mais uma vez sem dados de público.

Entre os clubes, **Iranduba**, da Série A1 do Campeonato Brasileiro, e Associação Esportiva **3B** da Amazônia, da A2, aproveitam o estádio com frequência, mandando a maior parte de suas partidas para lá. Conseguem públicos notáveis, como os homens, quando enfrentam gigantes nacionais (foi assim contra Santos e Flamengo, para, respectivamente, mais de 25 e 15 mil) e na única decisão nacional de que foi palco. A final da Liga Nacional sub-20 de 2016, conquistada pelas paulistas da Adecó, arrastou 17.322 pessoas.

Em suma, um panorama de aproveitamento da Arena da Amazônia – tanto em termos de quantidade de partidas como de público – que não surpreende quem acompanha futebol a fundo há algum tempo. Em abril de 2014, quando a Copa do Mundo não havia nem começado, o próprio presidente da FAF,

3. O recorde de público da Arena da Amazônia – como frisamos, descontando Copa do Mundo de 2014 e Olimpíada de 2016 – é da semifinal do Campeonato Carioca de 2016, quando o Vasco venceu o Flamengo por 2 a 0 diante de 44.419 pessoas. Em seguida, Resende e Vasco, pela primeira fase da Copa do Brasil de 2014, deixaram 40.189 com o grito de gol entalado na garganta. Pela Série A do Campeonato Brasileiro, o Botafogo fez 2 a 1 no Flamengo para 39.561.

Dissica Valério Tomaz, já admitia que o estádio não seria usado com regularidade nem no campeonato local.

— Não vamos nos iludir. Não vamos ter condições de usar no Campeonato Amazonense. Não vamos ter condições de jogar na Arena toda semana. Não dá, não tem como.

Afinal, não é mesmo barato mandar um jogo no estádio. Os valores são calculados em uma porcentagem em cima da arrecadação bruta, e variam. O certo é que 25% do total já ficam comprometidos de saída, inclusos 10% de aluguel e somados os tributos de 5% do INSS, 5% da federação local e 5% do Imposto Sobre Serviços (ISS). Juntando o público baixo e as contas altas, na ponta do lápis, é praticamente impossível fechar a conta do estádio. Para o presidente da Federação, a culpa pela dificuldade para se lucrar com o estádio é dos próprios clubes.

— Isso aí é uma coisa que, puta que pariu, meu irmão, é falta de mentalidade, o pessoal se acostumou com uma ajudazinha, com esse pouquinho que o governo dá, e não cresce, pô, não cresce, não vai adiante.

Pior é que, neste caso, o cartola parece ter razão.

As agremiações até se organizaram para empreender mudanças mais concretas. Criaram, em novembro de 2014, a Associação dos Clubes Profissionais do Estado do Amazonas (ACPEA), mas sequer conseguiram manter a unidade. O **Rio Negro** saiu no ano seguinte e, em julho de 2016, antes de completar dois anos, mais seis: **Manaus**, Esporte Clube **Tarumã**, **Operário** Esporte Clube, **Sul América**, **Nacional Borbense**, **Holanda** e **Princesa do Solimões**. Dos que começaram a empreitada, sete resistem bravamente: **Nacional**, **Fast**, **Penarol** Atlético Clube, **São Raimundo**, **Irاندuba**, **CDC Manicoré** e Atlético **Cliper** Clube.

Uma entidade que tinha por objetivo melhorar a situação do futebol local, emplacou duas novidades. A primeira, a Copa Amazonas, que durou apenas uma edição. Com o chamariz de que daria ao vencedor uma vaga na Copa Verde, a segunda destinada ao Estado. O **Fast** levantou o caneco. Em 2016, a Olimpíada justificou o cancelamento. Não se falou mais a respeito. A segunda, uma regra polêmica no Estadual dos juniores. Em caso de empate, disputa de pênaltis que dava ao vencedor das cobranças dois pontos e, ao perdedor, um ponto.

O ano da disputa olímpica, aliás, foi um desastre completo. A ACPEA disse que a Arena da Amazônia e outros dois estádios

de Manaus (Ismael Benigno, a Colina, e Carlos Zamith) tinham de ser “entregues” ao Comitê Olímpico Internacional (COI) em março e, por isso, o melhor seria adiar o Estadual para o segundo semestre. O mês correto, na verdade, era junho. Justo no centenário na competição, a bola rolou em agosto e registrou a pior média de público do país (217 pessoas por jogo).

A Associação tentou ainda extinguir a Segunda Divisão, colocando todos os clubes no mesmo balaio, mas foi informada pelo Tribunal de Justiça Desportiva do Amazonas (TJD-AM) que uma alteração dessas, segundo o Estatuto do Torcedor, precisaria ter sido aprovada com pelo menos dois anos de antecedência. Só esqueceram de: checar a legislação esportiva brasileira.

Não serviram nem para dialogar sobre a quitação de uma dívida com os árbitros. Quando os homens de preto cogitaram uma greve em janeiro e, mais tarde, em setembro de 2017, os membros do ACPEA fingiram-se de mortos e deixaram no colo de Dissica resolver os cerca de R\$ 40 mil pendentes.

Voltando àquele julho de 2016, quando da debandada de clubes da Associação, vale destacar a fala do presidente da entidade, Cláudio Nobre, sobre a visão dos dirigentes, que “não aceitam opiniões divergentes”, cada um querendo “olhar sempre para o seu lado”. Pode até ter sido uma declaração de cabeça quente, mas bastante apropriada. O **Rio Negro** teve uma tentativa de parceria fracassada e nem por isso o **Nacional** deixou de acertar a terceirização de seu departamento de futebol com os chineses da Ledman Sports por 20 anos. Os arquirrivais se abraçam nos riscos e nas dívidas com o elenco – confessaram dever aos jogadores pelo menos em uma oportunidade. O **São Raimundo** teve dignidade para lançar uma campanha de *crowdfunding*, a vaquinha moderna e virtual, e conseguiu a meta de R\$ 7.500 para pagar dívidas e entrar na Série B do segundo semestre de 2017. O recurso escolhido e até o valor não deixam de ser simbólicos.

Dissica joga tudo na conta dos afiliados, mas nem ele, nem ninguém tinha uma proposta para o estádio quando pensaram em derrubar o falecido Vivaldão. Questionei como faria para que a bilheteria fosse suficiente para arcar com os custos e gerar lucro para a Federação. Fechou o sorriso, pensou e respondeu:

— Nós vamos... Nós... Eu tenho falado o seguinte... Eu não vou dizer pra ti o que eu penso em fazer porque eu não sei, eu te digo com toda sinceridade do mundo, não tenho... Mas nós vamos discutir muito isso, eu te garanto.

Quatro anos depois, continuamos aguardando. Podemos garantir isso também.





## ESPORTES

## Arena da Amazônia completa 4 anos entre sonhos e dura realidade do futebol local

09/03/2018 às 14:25 - Atualizado em 09/03/2018 às 14:45



**Camila Leonel**  
Manaus (AM)

*Palco da Copa do Mundo de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016, o governo tem dificuldade para ter renda compatível com gastos de manutenção*

PUBLICIDADE

Há 4 anos, a Arena da Amazônia fazia seu jogo inaugural colocando frente a frente Nacional e Remo, pela Copa Verde. A partida reuniu 20 mil pessoas que ficaram impressionadas com a estrutura moderna construída no meio da floresta amazônica. Porém mais do que o fascínio, a Arena da Amazônia Vivaldo Lima representava a esperança de novos dias para o futebol no Amazonas. Quatro anos depois daquele 9 de março de 2014, o estádio teve seus momentos de sonhos, mas ainda está imerso em uma realidade nada animadora. O Colosso do Norte - como era chamado o antigo Vivaldão - hoje recebe um apelido bem menos imponente e até irônico: o de **elefante branco**.

A Arena recebeu jogos de Copa do Mundo: três no total e as partidas entre Itália e Inglaterra, Estados Unidos e Portugal, Honduras e Suíça mostraram que o estádio teria potencial. O primeiro recorde de público foi no terceiro jogo com 40.322 presentes. No fim de 2014, o estádio recebeu dois jogos do Botafogo: contra Corinthians e Flamengo e depois um Flamengo e Vitória. Recebeu torneios de pré-temporada que trouxeram para cá Flamengo, Vasco e São Paulo. Dois anos depois, foi palco de uma final de Taça Guanabara, o primeiro turno do Campeonato Carioca entre Vasco e Fluminense e uma semana depois, o estádio teve seu recorde de público quebrado em um Vasco e Flamengo que levou 44.419 pessoas à Arena.

O estádio também fez bonito quando a Seleção Brasileira passou aqui. Em quatro anos foram um jogo da seleção principal contra a Colômbia pelas Eliminatórias, em 2016, um Torneio de Seleções Feminino, Amistoso da Seleção Feminina e dois amistosos da Seleção Olímpica. Em 2016, Manaus voltou a receber um grande evento ao sediar seis jogos de futebol das Olimpíadas: dois na categoria feminina e quatro na categoria masculina.

Porém, se nos jogos dos times de fora a Arena reuniu grandes públicos e quebrou recordes, o mesmo sucesso não teve os jogos de equipes locais seja em partidas do Campeonato Estadual, ou na Copa Verde e Série D do Brasileiro. A exceção neste caso é o Iranduba, que conseguiu levar grandes públicos à Arena. Foram 25.371 presentes na semifinal do Campeonato Brasileiro no ano passado. Nas quartas, contra o Flamengo, 15 mil pessoas compareceram. Até o time sub-20 do Hulk conseguiu a façanha de levar 17 mil pessoas para acompanhar a final da Liga Nacional Sub-20, onde o time amazonense faturou o vice-campeonato.

No ano passado, outro baque para o estádio: a CBF vetou a venda de mando de campo para outros estados, algo que afetou diretamente a Arena. Com os baixos públicos nos campeonatos locais e sem a resolução da CBF, o estádio, que por mês custa R\$ 768.691,07 voltou a ter dificuldades em operar as suas contas.

PUBLICIDADE

A situação não foi pior porque vendida desde o seu projeto como uma Arena Multiuso. O estádio recebeu shows, bazares, festivais e até uma colação de grau de 2 mil estudantes. De acordo com a Secretaria de Estado da Juventude, Esporte e Lazer (Sejel) em 2017, o estádio arrecadou R\$ 987.520,23. Deste montante, R\$ 439.797,08 foram arrecadados nos últimos três meses, já sob a administração da secretária Janaina Chagas, o que representa aproximadamente 44% do total. Em menos de 100 dias à frente da pasta, a nova gestão diz ter recebido 21 eventos no estádio com um público de 275 mil pessoas. De acordo com a secretária, Janaina Chagas, a pasta tem pensado em estratégias para aumentar essa arrecadação.

"Já temos algumas soluções que foram implantadas ano passado. A primeira delas é que os promotores de eventos, que optaram pela Arena da Amazônia, a partir de agora alugam geradores de energia, assim conseguiremos diminuir o custo com energia elétrica drasticamente. Também pretendemos arrecadar com eventos realizados na Arena em torno de 30% a mais do que conseguimos em 2017. Até o momento temos cerca de 7 eventos por mês, que juntos correspondem o total de 86 eventos agendados até dezembro 2018. Dentre eles, temos shows, festivais gastronômicos, jogos profissionais e amadores, palestras, congressos técnicos de federações estaduais, eventos corporativos, reuniões de times, federações, ONGS, etc", explicou.

#### **Uma Arena dos 'forasteiros'**

A Arena é da Amazônia, mas são jogadores de fora que detêm marcas importantes na Arena da Amazônia. O primeiro gol, por exemplo, foi marcado por um jogador do Remo, mas que é mineiro: Max Lellys. O primeiro gol de um amazonense saiu mais de um ano após a inauguração do estádio na final do Campeonato Amazonense. O tento foi marcado por Alessandro Libório, o Nando, no dia 20 de junho de 2015. A primeira mulher a marcar um gol na Arena foi a atacante Nathane Faben, que é do Espírito Santo e atuava com a camisa do Iranduba.

O gol mais rápido da Arena também não veio de um jogador barê. Russo, do Rio Branco marcou um gol com um minuto de partida na Série D do Campeonato Brasileiro. A marca foi superada por Ciro, do Remo que fez aos 47 segundos de partida na Taça Leão Forte da Amazônia, jogo promovido pelo Nacional.



GOVERNO DO  
ESTADO DO AMAZONAS



FUNDAÇÃO VILA OLÍMPICA

DANILO DUARTE DE MATTOS AREOSA

## Arena da Amazônia



Foto: Chico Batata/Agecom

A Arena da Amazônia é um espaço multiuso que pode receber jogos de futebol, shows, eventos, feiras e visitas. Pode também ser adaptada para receber jogos de futebol de areia e de esportes de quadra como vôlei e basquete. Um espaço de padrão internacional, que permanece como legado após a Copa do Mundo para o Estado do Amazonas.

### PROJETO ARQUITETÔNICO

A fachada e cobertura compostas por uma única estrutura metálica com design semelhante a um cesto de palha indígena são a principal característica do projeto arquitetônico da Arena da Amazônia, cujo perímetro ocupa uma área de 84 mil m<sup>2</sup>. A cobertura se sustenta com uma inovação de engenharia, com vários semiarcos concorrentes. Um desvio mínimo em qualquer peça causaria uma anomalia na obra e a estrutura não suportaria o peso. O projeto foi desenvolvido pelo escritório alemão Gerkan Marg und Partner (GMP), responsável pelos principais estádios da Alemanha, China e África do Sul, em parceria com o Grupo Stadia, do Brasil.

O acesso dos torcedores ao estádio se dá por uma praça elevada de 72 mil m<sup>2</sup> (pódio), interligada às demais áreas do entorno da Arena (Sambódromo, Centro de Convenções e Av. Constantino Nery). Uma membrana de PTFE (politetrafluoretileno) translúcida na cor branca reveste a estrutura metálica e auxilia na redução da temperatura interna do estádio. Os assentos são de sete cores distintas, com tonalidades de amarelo, laranja e vermelho, para representar as frutas tropicais típicas da região dentro do ícone do cesto indígena.

O projeto atendeu a todas as exigências da FIFA e foi elaborado para tornar a Arena um espaço multifuncional após a Copa, além de se tornar o novo cartão postal da cidade, situada estrategicamente entre o Aeroporto Internacional e o Centro Histórico de Manaus.

## DADOS TÉCNICOS

Com capacidade para 44.300 pessoas sentadas, a Arena da Amazônia oferece um padrão de conforto internacional para o público. Todos os assentos são retráteis e ergonômicos:

- 44,3 mil assentos;
- 445 assentos para pessoas com deficiência;
- 68 camarotes;
- 4 cabines de transmissão;
- 141 antenas de Internet Wi-Fi;
- 71 câmeras de segurança;
- 18 pontos de venda de alimentação e bebidas;
- 82 banheiros (41 femininos e 41 masculinos);
- 338 vagas de estacionamento;
- 84.000 m<sup>2</sup> de área construída;
- 15,8 mil toneladas de aço;
- 61.425 m<sup>3</sup> de concreto;
- Início da obra: junho/2010;
- Valor do investimento: R\$605 milhões.



## SUSTENTABILIDADE

A Arena da Amazônia recebeu a certificação LEED (Leadership in Energy and Environmental Design – em português, Liderança em Design de Energia e Ambiental), que ainda é inédita na Região Norte e concedida a construções sustentáveis.

Todos os materiais restantes da demolição da antiga edificação foram reaproveitados. A construção possui uma eficiente estação de tratamento de efluentes domésticos, com capacidade para armazenar 720 mil litros de água, e o projeto da cobertura foi desenvolvido valorizando a iluminação natural, garantindo eficiência e economia no uso da luz artificial. Possui, ainda, um sistema de reaproveitamento da água da chuva para irrigação do gramado. Também foram empregados na Arena porcelanato ecológico e o piso de borracha natural.

Durante a Copa do Mundo, o programa de coleta seletiva na Arena da Amazônia e na FIFA Fan FestTM recolheu mais de 11 mil toneladas de resíduos recicláveis e reutilizáveis em um mês de trabalho.

## BANHEIROS E ACESSIBILIDADE

Os banheiros possuem acabamento em granito e torneiras e descargas automáticas que evitam o desperdício de água. O piso de circulação tem revestimento em epóxi e dos camarotes em porcelanato e grama sintética.

A Arena é acessível para pessoas com deficiência, deficientes visuais e obesos, além de possuir piso tátil de acordo com as normas de acessibilidade.

#### **INFRA-ESTRUTURA**

Do campo à cobertura são 42 metros divididos em cinco andares. A altura da Arena é equivalente a um prédio de 14 andares.

Andar -1: estacionamento, ambulatório, vestiários, zona mista e campo;

Andar 0: acesso VIP, área técnica, sala de conferências, estacionamento;

Andar 1: acesso às arquibancadas, venda de alimentação e bebidas, banheiro;

Andar 2: camarotes e cabines de transmissão;

Andar 3: arquibancada superior, venda de alimentação e bebidas, banheiros.

De todos os assentos do estádio, o espectador tem uma excelente visibilidade. Comparado a estádios mais antigos, o campo é mais próximo das arquibancadas. O primeiro assento da arquibancada inferior fica a 10 metros dos limites do campo.

Sobre as arquibancadas laterais, estão localizados dois telões de LED de 60m<sup>2</sup> para revelar os detalhes do jogo. Cada telão é do tamanho de um apartamento com três dormitórios.

A grama utilizada no campo foi a Bermuda Tifway 419, ideal para clima quente e úmido e recomendada pela FIFA. O plantio adotado na obra foi o uso de mudas (sprigs). As dimensões do campo são 105 x 68 m. A irrigação é automatizada e existe um sistema de drenagem a vácuo.

A obra teve 3,3 mil trabalhadores diretos contratados, uma das maiores construções do estado em número de operários. Todos ganharam ingressos para um jogo durante a Copa. Durante a construção, mais de 12 mil pessoas visitaram o canteiro de obras para conhecer a Arena e registrar um momento histórico.

**Endereço:** Av. Constantino Nery, 5001, Flores, CEP: 69.058-795 – Manaus/AM

#### **VISITA PROGRAMADA**

**Exclusiva para grupos acima de 20 pessoas, inclusive aos domingos.**

Contato: [visitearenaamazonia@fvo.am.gov.br](mailto:visitearenaamazonia@fvo.am.gov.br)

Telefone: (92) 3238-4974.

#### **VISITA GUIADA**

De terça-feira a sábado.

Horários: das 9h às 12h, e das 14h às 17h (fechamento dos portões)

Valores:

R\$ 20,00 (turistas nacionais e internacionais)

R\$ 10,00 (visitantes locais).

Meia entrada garantida a estudantes com apresentação de identificação, e pessoas com deficiência.

Isenção garantida a guias de turismo e idosos, com apresentação de identificação.

**Entrada pelo Portão C, ao lado da Arena Amadeu Teixeira.**

**OBS.: AS VISITAS À ARENA DA AMAZÔNIA ESTÃO SUSPENSAS DE FORMA TEMPORÁRIA, POR CONTA DE AVALIAÇÃO TÉCNICA.**



## NOTAS DE REFERÊNCIA

Para deixar a leitura mais fluida, optamos por colocar aqui reunidas, em ordem de aparição, as notas referente às informações apresentadas no livro.

### **O Canteiro de Obras**

**página 48** - Os detalhes a respeito da Matriz de Responsabilidades da Copa do Mundo de 2014, incluindo os trechos que dizem respeito ao estado do Amazonas e à capital Manaus, estão no site “Portal da Copa - site do Governo Federal Brasileiro sobre a Copa do Mundo da Fifa 2014”: <http://www.copa2014.gov.br/pt-br/brasilecopa/sobreacopa/matriz-responsabilidades>.

O balanço das quatro principais intervenções urbanas previstas para Manaus foram retiradas da reportagem “Após 4 anos, Manaus ainda tem projetos que não saíram do papel e obras inacabadas da Copa de 2014”: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/apos-quase-4-anos-manaus-ainda-tem-projetos-que-nao-sairam-do-papel-e-obras-inacabadas-da-copa-de-2014.ghtml>

**página 48** - As informações a respeito do programa da Fifa intitulado Green Goal e, mais especificamente, de como afetou a organização da Copa do Mundo de 2014, encontram-se no “Summary of the 2014 FIFA World Cup Brazil Carbon Footprint”, produzido pela entidade: [https://www.fifa.com/mm/document/fifa/worldcup/generic/02/11/20/03/summaryofthe2014fuccarbonfootprint\\_neutral.pdf](https://www.fifa.com/mm/document/fifa/worldcup/generic/02/11/20/03/summaryofthe2014fuccarbonfootprint_neutral.pdf)

## **O Aço da Floresta**

**página 53** - A constatação de que a floresta no entorno de Marabá serviu de fonte para a produção de carvão vegetal é do estudo “Siderurgia e carvoejamento na Amazônia”, do historiador Maurílio de Abreu Monteiro, ligado ao Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará: [http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/2957/1/Dissertacao\\_SiderurgiaCarvoejamentoAmazonia.pdf](http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/2957/1/Dissertacao_SiderurgiaCarvoejamentoAmazonia.pdf)

**página 54** - O texto completo da Resolução nº 25 do Conselho Estadual de Meio Ambiente do Pará pode ser lido no site da Secretaria de Meio Ambiente e Sustentabilidade do estado: <https://www.semas.pa.gov.br/2002/12/13/10021/>

**página 54** - Os dados relacionados às taxas de desmatamento são da Coordenação-Geral de Observação da Terra do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE): <http://www.obt.inpe.br/OBT/assuntos/programas/amazonia/prodes>

**página 55** - O estudo da ONG Repórter Brasil de 2012, intitulado “Combate à devastação ambiental e trabalho escravo na produção do ferro e do aço”, está disponível em seu site: <https://reporterbrasil.org.br/documentos/carvao.pdf>

## **Do Cerrado à Amazônia**

**página 58** - As informações relacionadas à exploração de trabalhadores em Nova Crixás e cidades vizinhas foram extraídas da reportagem “Fome, descaso e tiros agravam esquema de escravidão”: <https://reporterbrasil.org.br/2011/08/fome-descaso-e-tiros-agravam-esquema-de-escravidao/>

## **Camisa Amarela**

**página 74** - As reportagens que calculam e comparam a longevidade de dirigentes à frente das federações estaduais são “Coroneis do Futebol: bola, chuteira e televisão em troca de votos”, do Zero Hora, de 23 de junho de 2015, e “Cartolas de federações se perpetuam, e Del Nero deve manter a média na CBF”, do UOL, de 27 de março de 2017: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2015/06/coroneis-do-futebol-bola-chuteira-e-televisao-em-troca-de-votos-4787533.html>

<https://marcelrizzo.blogosfera.uol.com.br/2017/03/27/cartolas-de-federacoes-se-perpetuam-e-del-nero-deve-manter-media-na-cbf/>

**página 74** - A informação de que Marco Polo Del Nero é um dos dirigentes de maior poder no continente está na reportagem “Fifa amplia a punição a Marco Polo Del Nero por mais 45 dias”: <https://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/fifa-amplia-punicao-a-del-nero-por-mais-45-dias.ghtml>

**página 76** - A maior parte de nossas descrições a respeito da prisão e do julgamento de José Maria Marin no exterior foram retiradas das reportagens “Da Trump Tower para o ‘depósito de seres humanos’: conheça a prisão de Marin” e “Marin é considerado culpado em 6 das 7 acusações feitas nos EUA e vai para a prisão”: <https://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/da-trump-tower-para-o-deposito-de-seres-humanos-conheca-a-prisao-de-marin.ghtml>

<https://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/marin-e-considerado-culpado-em-6-das-7-acusacoes-feitas-nos-eua.ghtml>

**página 76** - O Estatuto de 2006 da Federação Amazonense de Futebol, aquele que, de fato, estende os mandatos do presidente, encontra-se no link da própria FAF: <http://fafamazonas.com.br/site/documentos/estatuto-faf.pdf>

**página 79** - As declarações da promotora amazonense Kátia Maria Araújo de Oliveira foram aproveitadas da reportagem “Promotora do MP-AM questiona justificativa de desembargador em liminar que garante Dissica de volta à FAF”: <https://globoesporte.globo.com/am/futebol/noticia/promotora-do-mp-am-questiona-justificativa-de-desembargador-em-liminar-que-garante-dissica-de-volta-a-faf.ghtml>

**página 79** - As irregularidades relacionadas à decisão judicial de setembro de 2013 podem ser verificar no processo disponível no Tribunal de Contas do Estado do Amazonas: <http://www.tce.am.gov.br/portal/?p=8446>

**página 79** - No mesmo órgão estadual encontram-se os detalhes relacionadas à decisão judicial de novembro de 2013: <http://www.tce.am.gov.br/portal/?p=8917>

**página 79** - E, de novo, as informações relacionadas à decisão judicial de março de 2016, de novo, estão no site do Tribunal de Contas do Estado do Amazonas: <http://www.tce.am.gov.br/portal/?p=15346>

**página 80** - Já os três processos relacionados relacionados ao Tribunal de Contas da União ficam na página do Tribunal Superior Eleitoral intitulada “Relação de Responsáveis com Contas Julgadas Irregulares - 30/12/2016”. Todos transitaram em julgado, ou seja, estão encerrados. [http://www.tse.jus.br/hotsites/tcu/2016/ResponsaveisContasJulgadasIrregularesEleicoes2016\\_UF.pdf](http://www.tse.jus.br/hotsites/tcu/2016/ResponsaveisContasJulgadasIrregularesEleicoes2016_UF.pdf)

## O fim (?)

**página 87** - O valor final do investimento para erguer a Arena da Amazônia foi divulgado em dezembro de 2014, entre outras informações presentes no balanço da Copa do Mundo produzido pelo Ministério do Esporte: [http://www.esporte.gov.br/arquivos/assessoriaEspecialFutebol/copa2014/6\\_Balanco\\_Copa\\_dez\\_2014.pdf](http://www.esporte.gov.br/arquivos/assessoriaEspecialFutebol/copa2014/6_Balanco_Copa_dez_2014.pdf)

**página 88** - O levantamento a respeito das torcidas de futebol aparece na “Pesquisa 365”, de janeiro de 2017, e ganhou destaque na reportagem “Torcida de times locais é apenas 0,5% da população de Manaus, diz pesquisa”: <http://globoesporte.globo.com/am/futebol/noticia/2017/02/torcida-de-times-locais-e-ape-nas-05-da-populacao-de-manaus-diz-pesquisa.html>

**página 89** - Os dados a respeito de público na Arena da Amazônia estão na mesma reportagem da nota anterior.

**página 89** - Os números sobre o público da decisão do Campeonato Amazonense de 2018 estão na reportagem “E as arenas da Copa? Veja como elas foram usadas nos Estaduais de 2018”: <http://www.lance.com.br/futebol-nacional/estadios-mundial-2014-utilizados-nos-estaduais.html>

**página 89** - Até o fechamento deste livro, o Nacional contava 15 partidas regionais ou nacionais na Arena da Amazônia. Não pudemos contabilizar as partidas do Campeonato Amazonense, como explicado no texto principal, por não existir documentação suficiente disponível sequer da última edição no site da Federação Amazonense de Futebol. Em seguida, aparecem Fast (7), Manaus (4) e Princesa do Solimões (1). Rio Negro e São Raimundo jogaram lá apenas pelo Estadual, sem que possamos, como já dito, definir quantas vezes.

**página 92** - O balanço completo dos primeiros dois anos da Associação dos Clubes Profissionais do Estado do Amazonas (ACPEA) é da reportagem “Análise: após dois anos, ACPEA perde oito adeptos e gera poucas mudanças:

<http://globoesporte.globo.com/am/futebol/noticia/2016/11/analise-apos-dois-anos-acpea-perde-oito-adeptos-e-gera-poucas-mudancas.html>

**página 92** - A regra inovadora na disputa de pênaltis no Amazonas é revelada pela reportagem “Campeonato foge do tradicional e tem empates de dois pontos, no Amazonas”: <http://globoesporte.globo.com/am/futebol/noticia/2016/04/campeonato-foge-do-tradicional-e-tem-empates-de-dois-pontos-no-amazonas.html>

**página 93** - O Campeonato Amazonense teve a primeira edição em 1914, mas não foi disputado em 1924 e 1925, como conta a reportagem “Amazonense chega à sua 100ª edição e mostra sua relação com Manaus”: <http://globoesporte.globo.com/am/noticia/2016/10/amazonense-chega-sua-100-edicao-e-mostra-sua-relacao-com-manaus.html>

**página 93** - A informação a respeito do público do Campeonato Amazonense de 2018 está na reportagem “Estadual do AM tem a pior média de público pagante do Brasil em 2016”: <http://globoesporte.globo.com/am/noticia/2016/11/barezo-e-o-estadual-com-pior-media-de-publico-pagante-do-brasil-em-2016.html>

**página 93** - A história relacionada às possíveis paralisações dos árbitros amazonenses encontra-se em duas reportagens, “Associação dos árbitros do AM cogita greve por conta de dívidas trabalhistas” e “Após diminuição da cota de arbitragem, associação não descarta greve no AM”: <http://globoesporte.globo.com/am/futebol/noticia/2017/01/associacao-dos-arbitros-do-am-cogita-greve-por-counta-de-dividas-trabalhistas.html>

<https://globoesporte.globo.com/am/noticia/apos-diminuicao-da-cota-de-arbitragem-associacao-nao-descarta-greve-no-am.ghtml>

**página 93** - A fala de Cláudio Nobre sobre o comportamento dos clubes amazonenses está na reportagem “Irritado, Cláudio Nobre minimiza racha na APCEA: ‘Quem quiser sair, saiu’”: <http://globoesporte.globo.com/am/futebol/noticia/2016/07/irritado-claudio-nobre-minimiza-racha-na-acpea-quem-quiser-sair-saiu.html>

**página 93** - A confirmação da parceria do Nacional com a empresa chinesa aparece na reportagem “Nacional aceita proposta de chineses e aprova terceirização de departamento”: <https://www.acritica.com/channels/esportes/news/nacional-fecha-acordo-com-chineses-e-aprova-terceirizacao-do-departamento-de-futebol>

**página 93** - As dívidas de Nacional e Rio Negro são mote da reportagem “Rio-Nal é marcado por cheques sem fundos e dívidas”: <http://diariodoamazonas.com.br/vencer/rio-nal-e-marcado-por-cheques-sem-fundos-e-dividas/>

**página 93** - A história sobre a vaquinha do São Raimundo é contada na reportagem “Em seis dias, São Raimundo bate meta inicial de arrecadação em ‘crowdfunding’”: <https://globoesporte.globo.com/am/futebol/times/sao-raimundo-am/noticia/em-cinco-dias-sao-raimundo-bate-meta-inicial-de-arrecadacao-em-crowdfunding.ghtml>



## A SELVA DO FUTEBOL



*Esta obra pode ser copiada e compartilhada inteira ou parcialmente, desde que seja dado o crédito aos autores, à editora e sob a mesma licença do Creative Commons aqui escolhida. Não é autorizada, porém, a publicação com quaisquer alterações em relação a este original e/ou sua utilização inteira ou parcialmente para fins comerciais.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

eDOC Brasil, Belo Horizonte/MG

---

A561s

Andreucci, Raul.

A Selva do Futebol / Raul Andreucci, Tulio Kruse; ilustrações André Bonani. – São Paulo (SP): No Barbante, 2019.

112 p. : il. ; 12,5 × 19,5 cm

ISBN 978-65-80453-00-9

1. Futebol – Amazonas – História. I. Kruse, Tulio. II. Bonani, André. III. Título.

CDD 796.334098113

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

1ª edição 2019. São Paulo  
Composto em Caecilia e  
impresso em Pólen Bold 90g/m<sup>2</sup>

### **Dolores Editora**

São Paulo, SP – Brasil  
doloreseditora@gmail.com  
@dolores\_editora

Editor-chefe Raul Andreucci  
Editor João Andreucci

Ilustrações André Bonani  
Projeto gráfico coletivo oitentaedois  
Produção gráfica Atelier Compacto  
Consultor editorial Macaio Poetônio

E graças ao apoio e cessão dos originais de  
Brio, Ludopédio e Trivela



ISBN 978-658045300-9



9

786580

453009



**A SELVA DO FUTEBOL**

